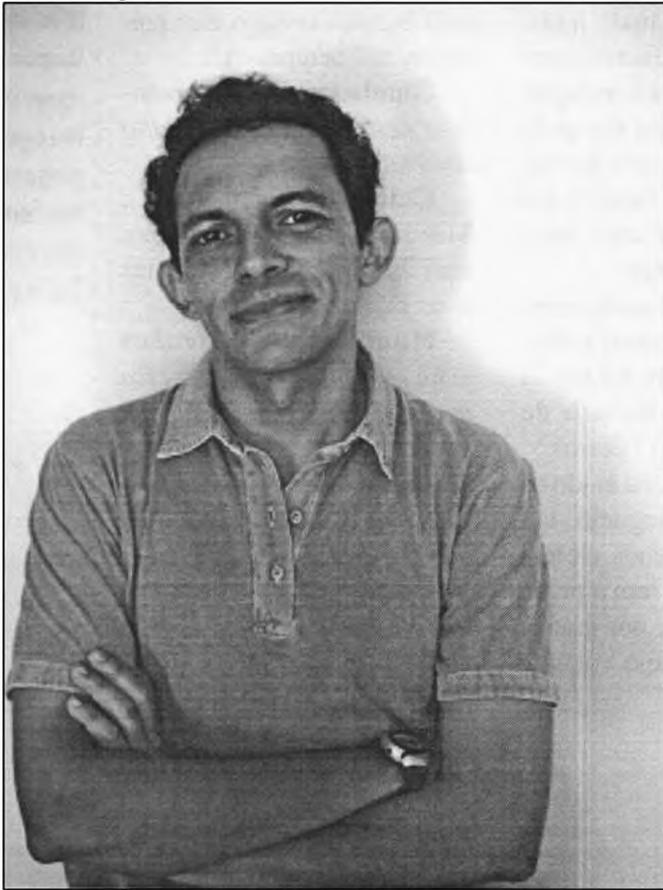


DEMITRI TÚLIO

Através das palavras, quem adora contar histórias reconta a sua própria vida



Entrevista com Demitri Túlio Silva Araújo — Demitri Túlio, em 09/11/2004
Produção, redação e edição final: Cristina Carneiro, Daniel Sampaio e Paulo Jr. Pinheiro
Texto de abertura: Cristina Carneiro
Participação: Camila Vieira, Ciro Câmara, Cristina Carneiro, Daniel Sampaio, Fernando Ramos, Humberto Leite, Juliana Colares, Karine Wanessa, Marcos Edson Cavalcante, Maria Rita Ferreira, Paulo Júnior Pinheiro e Tarciana Campos
Foto: Igor Graziano

Um jornalista dono de uma mente brilhante, tão brilhante que chega a ser confusa.

O olhar é afiado. Afiadíssimo. É um olhar de quem muito já viu na vida. Viu. Ouviu. Das histórias mais singelas às mais libidinosas. Das histórias de vida mais bem vividas às mais lastimosas. Foi isso que escolheu para fazer da vida dele. Uma história. Prática aqui, difícil acolá e confusa aqui e acolá. Aos trancos e barrancos: certa. Acertaram em cheio quando batizaram o pequeno agonizante para evitar que subisse aos céus pagão. Ele não subiu pagão. Nem cristão. Ele vingou.

Se vingou, não foi à toa. Mas não foi fácil ter vingado. Foi bom. O moleque tímido e de corpo franzino subia e descia como ninguém nas ruas do Porangabuçu dos anos 70. Aproveitou, na infância, cada minuto da alegria de ser menino.

Tanto que o que o olhar afiado conseguiu guardar na memória ainda lhe rendem histórias. As histórias que mais lhe dão prazer nos dias de hoje. Nostalgia? A testa do ainda franzino se amarrota. Não. De jeito nenhum. Ele vingou.

O encantamento do menino que batia-perna pelo Centro enquanto ajudava o pai resiste no sorriso. Sorriso de um homem que não gostou da adolescência nem tolera a juventude. Foi difícil. Ainda é difícil. Mas foi quando ele começou a construir sua história e de sua família, também. Com o próprio suor. Digno de quem vingou.

As escapulidas do pai, as angústias dos dias vividos na José Bastos, na Maraponga, e cinco anos de vida militar quebraram a aura da juventude. Hoje, ele reinventa, no seu “divã” semanal, a coluna *Das Antigas*, através das palavras. Com essas, depois de pelejar um bocado, se dá muito bem. E nada de discutir essa relação. Ele se achou. Típico de quem vingou.

As palavras, estas estão sempre tentando simplificar a vida. Seja investigando as mazelas do mundo, seja contando piada entre os colegas, seja deixando-as presas na garganta. Quando não consegue simplificar, uma justificativa vale. Admitir é que difícil. É mais prático soltar aquela risada que do Porangabuçu, apostado, nada perdeu. E do Centro, muito ganhou. Vai vivendo assim, como quem vingou.

E o jornalismo? Aqui, o jornalista que um dia quis ser agrônomo acha tudo muito prático. “É tão fácil resolver as coisas, é tão fácil ir para cima da história, é tão fácil exigir, é tão fácil pautar, é tão fácil escrever, é tão fácil tentar ver outras histórias...” É tão fácil ser apaixonado pelo que só depende de nós. É tão fácil ser feliz com uma vida profissional bem sucedida. Certo?

Contando a sua história, ele ficou nervoso. Ele se ouviu. Ele sentiu o peso da história: são muitas coisas que quer fazer, muitas coisas a fazer, casos para resolver, isolamentos para desfazer, gente para ensinar e gente para amar. Ele é demasiado humano. E diz que é, sim, possível amar e ser feliz ao mesmo tempo. Errado.

Demitri Túlio Silva Araújo. Nasceu menino e cresceu adulto. Hoje, ele vive para contar a história da cidade, a dele e a dos outros. Demitri Túlio já faz parte da história do jornalismo cearense. E o jornalismo cearense também já tem a história dele, ou pelo menos parte dela, através das páginas que se seguem.

Cristina – Nas conversas que a gente teve com você e com a Nukácia (irmã de Demetri), a gente percebeu que vocês dão muito valor à família. Olhando para o passado, para a rua Tavares de Iracema (rua onde Demetri morou até 1978, no bairro Porangabuçu, zona oeste de Fortaleza), de que forma a convivência com os irmãos foi responsável por essa relação que vocês têm hoje, consolidada?

Demetri – Eu costumo dizer o seguinte: a família de canelau, de periferia, é meio família italiana, apesar de eu não gostar muito dos italianos, mas aquela história de família grande, de não sei quantos irmãos e que tem dentro uma estrutura como tinha lá em casa. A gente morava num bairro classe média baixa e essa rua, a Tavares Iracema, junto com outras, rua Natal, não sei o quê, bá, bá, bá, aquilo perto do Porangabuçu, as estruturas familiares eram mais ou menos parecidas. Lá em casa eram seis filhos. Eu sou o segundo de seis, sou o mais velho dos homens; a Nukácia é a mais velha geral. E tinha: seis filhos, o pai e a mãe, a avó e o avô, que eram os pais do meu pai, e a minha bisavó. Pra mim e pros meus irmãos, a história foi legal porque você acabou convivendo com muita gente e com várias gerações, pelo menos quatro gerações. Pra minha mãe, acho que não foi legal porque ela começou logo morando com os sogros e ainda tinha a bisavó, que perturbava a cabeça dela. Pra ela não foi muito legal, não. Pra gente foi. E a história da união, da convivência legal dos irmãos vem bem dos tempos que a gente era pequeno mesmo. É a aquela história:

eram seis pessoas diferentes, você tinha um grupo de quatro homens e tinha duas mulheres, uma que abria a criação e a outra que fechava, que é a Nukácia e a Régia, e no meio das duas tinha Túlio, Breno, Jivago e Glauco. Cada qual diferente. E todo mundo que tem família grande sabe que tem irmão que se afeiçoa mais com outro, tem grupinho que fica ali, você acaba formando aquelas historinhas lá. Mas, no geral, com esse modelo de família canelau, cearense, misturada com italiana, sei lá o quê, essa história de estar todo

“Mas, no geral, com esse modelo de família canelau, cearense, misturada com italiana, sei lá o quê, essa história de estar todo mundo junto, você acaba convivendo”.

mundo junto, você acaba convivendo.

Tinham coisas engraçadas nessa história de família. Lá em casa era uma casa de corredor, aquela casa de corredor antiga com os quartos no meio do corredor. Então, privacidade você não tinha nenhuma, pelo menos o casal não tinha privacidade nenhuma. Imaginar que aquele bando de meninos, que eram seis meninos, e o quanto o meu pai e minha mãe transavam naquela privacidade que não existia... Você tinha essa casa de sala, corredor, quarto, cozinha, alpendre e quintal e que no fim de semana estava todo mundo junto dentro de casa e o meu pai começava a brincar com a gente e dizia o seguinte: “Isso é igual a história dos ratos”. Botou um casal de ratos dentro de uma

caixa de sapato e eles começaram a reproduzir e a família foi aumentando e, na confusão, quando tava todo mundo junto, era aquela loucura dentro de casa. E assim era a gente lá. Nos finais de semana tinha muita gente dentro de casa, além dos irmãos, ainda tinha os agregados que vinham pra lá: tio, tia, alguém que vinha se consultar no médico aqui e por aí ia.

Daniel – Por ser a mais velha, a Nukácia era a mais braba, mais briguenta com vocês?

Demetri – A Nukácia puxa mais o meu pai e o meu pai é muito genioso. Então, ela tem o traço mais do meu pai. Eu sou mais calmo do que ela, certo? Apesar da *negada* me chamar de elétrico, mas a Nukácia, além de elétrica, ela ainda era Electra (*Personagem da mitologia grega que simboliza o amor passional pelos pais, em especial, pelo pai*) porque ela era muito ligada ao meu pai e tinha a personalidade do meu pai. E era, apesar da primeira (*do primeiro filho*) não ter sido homem, mas era a que mandava. E meio que se tinha isso, o primeiro filho era o homem, tanto é que meu pai gostava muito dela. Eu acho que na cabeça dele, ela era a filha predileta e ela vai mostrar isso depois que ele se separa. Aí, o complexo de Electra (*o equivalente feminino ao complexo de Édipo*) dela vai lá pra cima. Mas ela era a mandona, a figura dentro de casa, mas na boa, como tem a concorrência entre irmãos. Todo mundo aqui deve ter dois, três, quatro irmãos... Acho que ninguém aqui é filho único e sabe como é que se dão essas histórias dentro de casa.



Quando Demetri soube que seria um dos convidados da Revista Entrevista, em agosto de 2004, reagiu dizendo que não tinha o que contar, mas se sentia honrado. Assim, aceitou.

Depois do lobby feito pela Cristina, que tinha feito o estágio supervisionado com Demetri, no jornal O Povo, ele foi o mais votado entre os potenciais entrevistados.



A entrevista estava inicialmente marcada para o dia 7 de outubro, mas por conta da agenda de Wolney Oliveira, as datas foram permutadas.

Cristina – Demitri, vocês eram de uma família humilde, vocês brincaram muito na rua, como era a relação? Vocês dividiam as coisas, dividiam quarto, dividiam brinquedo... como é que você vê a influência disso hoje na sua personalidade?

Demitri – Eu fui descobrir a influência dessas coisas de menino, dessas coisas de adolescente, principalmente da infância – é a fase que eu mais gosto da minha vida –, depois que eu praticamente entrei na profissão. Muita coisa que eu trago hoje dentro da profissão está lá no Porangabuçu, está lá quando eu era criança, está lá quando eu era menino véi. Eu vi meu pai se formar em Direito, aliás, quatro filhos foram pra formatura dele. Porque ele, quando entrou na faculdade, já tinha pelo menos três filhos: a Nukácia, eu e o Breno. E a gente viu essa história lá. As relações que a gente tinha de infância, pelo menos a minha e pelo menos de cinco – a Régia foi um pouco mais diferente –, era uma infância no meio de rua. Era uma infância de *jogar muita bola*, de rachar muito (às) cinco horas da tarde, de estar pulando quintal, de ter no quintal, por exemplo, dois pés de goiabeira, que a gente passava o dia frescando nesses pés de goiabeira... Era muito de cotidianos. Imagine Fortaleza na década de 70, você tinha a cidade... Hoje eu fico brincando com a Sara, com o Pedro, com o Saulo, os meus três filhos (*frutos do casamento com Virgínia, de 1990 a 1999*), e eles ficam ouvindo e dizendo assim: “Mas pai, tu brincava nas escadas rolante?”. Eu digo: “Brincava”. Ficava subindo e descendo na

Americana (*Lojas Americanas, rede de lojas varejistas fundada em 1929 no Brasil*), era uma espécie de diversão. Você tinha mil histórias dentro do Porangabuçu e quando você ia pro Centro, que era um grande shopping a céu aberto – você não tinha shopping (*center*), o primeiro shopping daqui foi (*inaugurado*) em 74, que foi o Center Um – o Centro era o que você tinha, era o que havia. A primeira vez que você vê uma escada rolante, você quer ficar subindo e descendo na escada rolante, você quer ficar subindo contra a

“Muita coisa que eu trago hoje dentro da profissão está lá no Porangabuçu, está lá quando eu era criança, está lá quando eu era menino véi”.

escada que desce, você quer ficar lá e quer pular na hora de... Então, você tinha isso e, hoje, lógico, eles ficam é rindo, eles ficam rindo da história porque eles estão dentro de outra história. O cotidiano da gente de infância, de criança, foi um cotidiano muito cheio de molecagem, de nome feio. Lá em casa, a gente não podia dizer ‘merda’.

Cristina – Quando saía na rua, *desabava*.

Demitri – No futebol, a gente dizia tudo. Meu pai é, às vezes, com falsa moral, sei lá o quê, mas ele não admitia falar as palavras ‘cagar’, ‘peidar’... Até hoje eu não me dou bem com essas palavras, mas porque ele não admitia nem a pau. Se dissesse ‘cagar’, ‘cagado’, era outra, era ‘fazer cocô’, ‘soltar pum’, você nunca ia nessa história (*risos da*

turma). Não dava para ele controlar seis filhos num meio de rua, numa realidade que era totalmente diferente, num cotidiano que era totalmente diferente e que ainda existe hoje, mas lá na periferia grande, certo? Não aqui (*se referindo a onde estava, no Papicu, bairro da chamada área nobre de Fortaleza*), aqui você está preso, meus filhos vivem presos numa casa, vivem presos nas grades, ninguém sai pra brincar lá fora. Mas a gente brincava de raia, bila, bola, roubar fruta, perturbar a vizinha, saía apertando campainha em casa que tinha, que era na Parquelândia (*bairro da zona oeste de Fortaleza, que fica próximo ao Porangabuçu e é considerado um dos mais ricos da zona oeste*), você tinha essas histórias mais...

Daniel – Teus pais procuravam te prender? Eles faziam algum esforço no sentido de deixar vocês mais em casa, para não deixar vocês aprenderem palavras?

Demitri – A mamãe... Coitada das mães, é que ficam com os filhos... O pai saía para trabalhar, a mamãe era quem estava mais aí. A mamãe pegava no pé da gente, mas não era essa coisa rígida, não. Ainda mais porque, coitada, tinha seis filhos, se ela fosse controlar os seis, ela ficava louca, e ia ficando mesmo, com seis meninos por ali.

Tinha aqueles horários. Na semana, a gente assistia aula, quem estudava na escola de manhã, estudava alguma coisa à tarde. Quando dava quatro, cinco horas da tarde: adeus, pra rua, jogar bola ou fazer alguma história, a malinação pelo mundo. E aí voltava pra casa pra tomar ba-

A entrevista de Demitri foi então adiada para o dia 9 de novembro para o alívio da equipe de produção. Todos estavam envolvidos com a cobertura das eleições ou viajando demais a trabalho.

nho seis horas da tarde, sete horas da noite. Banho de bacia ainda, de bacia. Lá, tomava banho, jantava e depois: rua de novo. Ficava ali nas calçadas, nas esquinas, conversando nada... Isso no período de aula. No período de férias, aí não tinha controle nenhum. Porque aí você passava o dia todo no meio da rua. A minha bisavó dizia: "O menino tá que é um tição (*no sentido de bronzeado ou sujo*)". Você ficava, brincava e não estava nem aí pra nada e sem nenhuma história, nada de nostalgia. Eu fico até com raiva, às vezes, quando as pessoas dizem: "Tu alimenta tua nostalgia na Das Antigas (*coluna de Demitri, publicada no jornal O Povo, aos sábados*)". Eu não alimento nostalgia nenhuma na Das Antigas, não alimento nostalgia nenhuma. Ali eram os cotidianos que eram daquela época e é misturado com o cotidiano de uma porrada de gente. Legal que foi aquela história lá, mas tá lá.

Maria Rita – Demitri, na pré-entrevista, você falou que essa foi a melhor época da sua vida. Não deve ter sido só pelas brincadeiras porque hoje você deve ter brincadeiras também, só que diferentes. Então, como foi que você descobriu que teve na infância a melhor época?

Demitri – Olha, assim, localizar o que é que eu descobri e o que é que isso, eu não saberia lhe falar. Acho que a mistura dessas histórias, o caldeirão de coisas da infância, que aí mistura brincadeiras, mistura coisas chatas também, mas mistura muita liberdade e a liberdade é maravilhosa. Quando você vai pra dentro do jornalismo, você começa a frequentar presídio, delegacia,

não sei o quê... Liberdade é até melhor do que pai e mãe. Liberdade é até melhor do que pai e mãe! Pai e mãe têm uma função que cumpre ali, mas liberdade é pra a vida toda e você vai precisar dela. Talvez essa história da liberdade, essa história de muito solto na rua, de conviver com a dona Mariazinha que passava chifre no marido, que foi pra São Paulo; com a dona Maria que vendia dindin; com a escola que era perto; com a igreja católica que era perto; com esse mundo de pessoas; com esse mundo de cotidianos...

"Liberdade é até melhor do que pai e mãe! Pai e mãe têm uma função que cumpre ali, mas liberdade é pra a vida toda e você vai precisar dela".

talvez a infância tenha sido legal por isso. Quando se passa no resto das histórias, a juventude, a adolescência, não sei o quê, além de ser... Eu considero (*períodos*) chatos. Considero chatos porque sei lá, é a hora que você começa a tomar consciência mais firme das coisas, das relações, de ver o seguinte: o meu pai e minha mãe eram felizes na minha cabeça, quando a gente era pequeno. Mas depois, quando a gente começa a crescer, vê que, ah... Aquela felicidade não era tão como a gente imaginava ou pintava. E talvez, quando você começa a tomar consciência disso, começa a lhe pesar a adolescência e a juventude, começa a lhe pesar. E aí, o que é que eu vou fazer da minha história aqui no meio dessa história? Eu era um menino que brincava, muito mo-

leque, mas era um menino que ouvia muito, que observava demais. A infância, além de ser a história da descoberta, foi a hora que você conviveu com mais gente e começou a descobrir o que era a rua. Ela (*a infância*) é importante para mim, mas eu só descobro essa importância muito tempo depois.

Fernando – Demitri, como é que foi essa descoberta (de que a infância foi marcante)? Foi dentro do jornalismo?

Demitri – Muito foi. A Das Antigas faz eu descobrir muito essa rua porque ela mistura realidade com ficção, fica uma misturada de histórias. As pessoas, às vezes, chegam pra mim como chegou o Eduardo (*Almeida*), fotógrafo (*do jornal O Povo*), disse assim: "Demitri, o Raul Pezinho (*personagem de uma série de colunas Das Antigas*) existiu mesmo?" Eu disse: "Não, o que é de verdade ali é a história

que as pessoas vendiam os sapatos dos defuntos". O IML (*Instituto Médico Legal*) vendia, mas isso hoje, só que eu puxei essa história pra lá. E personagem de lá vive essa história. Então, a descoberta vem muito do jornalismo, vem muito de dia-a-dia, da relação das pessoas, da diferença de relacionamento, que você vai começando a descobrir... Tem uma história, a biografia do canelau (*gíria cearense referente a pessoas de hábitos chulos*), que é assim: a gente não se enxerga como biografia, não essa biografia formal, mas a biografia da gente se a gente for atrás. Paulo (*um dos estudantes que participa da entrevista*), pá, aqui, tá, vou conversar com você aqui. Você é filho da fulana de tal que veio do interior tal, filho do fulano de tal que trabalha



Demitri casou em 1990 com Virgínia com quem tem três filhos: Saulo (14), Sara (9) e Pedro (7). Demitri se separou de Virgínia em 1999.

O pai de Demitri, Antônio Aroldo de Araújo, é advogado e se separou da mãe de Demitri, Maria Edimar de Silva Araújo, quando ele tinha 19 anos.



Os colegas elogiam muito o Demitri como pai. Sempre tentando estar presente na vida dos pequenos, Demitri demonstrou na pré-entrevista ser orgulhoso porque Sara é uma grande leitora.

não sei onde, tem irmãos, cada um diferente do outro, tem família que tem uma história maravilhosa, só que a gente não valoriza essa história que a gente tem.

Cristina – *Pelo fato de você ter vivido na periferia, no meio do canelau, você acha que isso despertou uma preocupação social que acabou lhe levando pro jornalismo, já que o jornalismo está intimamente ligado com essa questão?*

Demitri – Ah sim (ri). Quando eu fui fazer jornalismo, ele nasce quase que meio por acaso. O primeiro vestibular que eu fiz, quando eu terminei em 1984, eu não sabia o que ia fazer pro vestibular, nem UFC (*Universidade Federal do Ceará*) nem Uece (*Universidade Estadual do Ceará*), existiam as duas. A minha irmã vivia falando que queria ser jornalista, a Nukácia. Vivia falando em Comunicação Social, eu não sabia nem que diabo era Comunicação Social. O que é isso aí? Ser repórter. O que é ser repórter? É escrever, não sei o quê. Aí vivia falando, falando, falando. E ela levou pau nos vestibulares que fez pra Comunicação e só passou na universidade quando fez pra Letras, e hoje está aí, né? Hoje tá legal na história dela lá, acho até que ela é uma jornalista frustrada. E aí os primeiros vestibulares que eu fiz na época foi pra agronomia, na UFC, e Veterinária, na Uece. Não fiz na Unifor (*Universidade de Fortaleza, particular*) porque não tinha dinheiro.

Achava que queria ser agrônomo porque gostava de bicho (*risos da turma*). Aque-la velha história, a gente acha que quer ser jornalista porque escreve redação. Redação a

gente faz, é lindo, no terceiro ano, né? Mas eu gosto de boi, eu adorava, eu adoro vaca, adoro jumento, adoro planta... A minha mãe gosta muito de planta. Ela achava que por causa dela, hoje eu gosto muito de planta, flor. Adoro mexer com essa história por causa dela.

Então, eu achava aquilo maravilhoso. De vez em quando a gente ia em Aratuba (*cidade serrana do Maciço de Baturité, a 132 km de Fortaleza*), aí fiquei encantado com Aratuba, certo, um bocado de horta, não sei o quê... Então,

“A minha irmã vivia falando que queria ser jornalista, a Nukácia. Vivia falando em Comunicação Social, eu não sabia nem que diabo era Comunicação Social”.

eu achava que aquilo dali era a minha história. Fiz, aí levei pau (*no vestibular*). Quando você leva pau logo no primeiro vestibular você fica meio acabrunhado ali. “Porra eu não sei essa bosta, como é que pode?”. Levei pau na Agronomia. Na Veterinária, eu fiquei nos classificáveis, fui o décimo primeiro ou o décimo, uma coisa assim, e pra entrar, fui pro dia lá (*dia da chamada dos classificáveis*), chorei pra caramba porque faltou um ou dois e eu não entrei. Ainda bem, né, se não dava certo. Não entrei. Depois fui descobrir que gostava de bicho, mas de olhar, de pegar, mas nada de abrir, puxar, não tinha essa vocação de estar lá abrindo bicho nenhum. E das vacas e dos jumentos, se eu tivesse algum, era para ficar olhando lá e somente, nada mais do que

isso. Aí, fiz vestibular para Turismo e Comunicação e não sei o quê na Uece.

Por causa da minha irmã, eu digo: “Ah, eu vou fazer essa Comunicação”. Aí fui fazer. Aí, pum! Levei pau na Comunicação. Levei pela segunda vez, não sei. E passei no Turismo na Unifor. Fui pra lá, passei um ano no Turismo, mas não fiz uma cadeira. Por quê? Porque não gostava, me sentia um explorado pela “colônia” (*risos da turma*). E era comunista, aquela onda lá, né? Não queria, eu tinha que entrar na UFC, ensino gratuito.

Ainda mais, tinha que entrar lá porque não tinha dinheiro. A mamãe fez um acordo comigo porque nessa época, a época da juventude, eu já estava meio perturbado da cabeça e não queria nada, não tinha rumo. Tinha muito problema dentro de casa, a mamãe tava se separando do meu pai. (*Ele*) tava aprontando. Ele era um pai maravilhoso, e é, dentro de uma história. E aí, quando você é menino e quebra o encanto, você ainda não entende que as pessoas são assim e vão mudando de acordo com as histórias delas, com a realidade. Mas menino não entende isso. Você idealiza o seu pai e o seu pai é a história. O cabra que brincava de bila, que brincava de bola, que soltava raia, que não batia, só batia quando era na última história lá, e que aí arranja outra mulher, você fica meio... Se sente traído, a família, os meninos se sentem traídos. Então era uma fase muito doida na minha vida. Aí fiz o primeiro semestre (*de Turismo*), não fiz nenhuma cadeira e disse: “Mamãe, eu vou abandonar a faculdade e vou estudar”. “Mas você vai abandonar,

Demitri é querido por todos. Numa farrá no Bar do Arlindo, um dos bares mais badalados por jornalistas em Fortaleza, quando falamos da entrevista dele, colegas e amigos logo se prontificaram a falar dele.

“você nem estuda”. “Então vamos fazer um acordo, eu pedi o crédito educativo, se o crédito sair, eu fico, se o crédito não sair, eu capô o gato daqui, capô o gato da Unifor”. E eu achava que ia dar certo, que não ia sair. E aí o crédito saiu. Fiz outro semestre, mas não fiz uma cadeira no Turismo. Fiquei lá “tongolando” (*fazendo de conta*) e, por sorte, passei na Comunicação. Eu tinha estudado.

Paulo – Demitri, você era uma pessoa indisciplinada? Por exemplo, você falou de toda a liberdade que você tinha quando era criança. Você acha que isso contribuiu, toda essa liberdade que hoje você tanto valoriza, para essa indisciplinada?

Demitri – Uhum. Eu ainda sou indisciplinado, certo? Eu ainda me considero, sou muito indolente. Uma vez já me chamaram de indolente. Mas deixa eu só concluir essa história do social.

Eu entrei na Comunicação, a partir daí eu comecei a me apaixonar por ela sem nem saber o que é que era ela. Não sabia. Na faculdade, eu não fui um aluno brilhante, não, certo? Não fui. Não era quem entregava todos os trabalhos, não era o pontual, não era. O Ronaldo (*Salgado, professor do curso de Comunicação da UFC e coordenador da Revista Entrevista*) sabe disso aí, certo? Não era esse aluno brilhante. Não. Eu gostava de coisas, eu gostava de coisas na Comunicação. Eu gostava da história dos textos apesar de não ter bom texto. E aí, adorava professores, por exemplo, o Agostinho, a experiência do Agostinho é mais de ouvir, certo? Aquilo ali era legal pra mim porque quando eu ia fazer um lide (*primeiro pará-*

grafo do texto jornalístico que contém as informações básicas da notícia), quando eu ia fazer uma matéria, era uma lástima. E me detonava lá. E na turma tinha gente que ele elogiava maravilhosamente bem. Você fica meio... Acharo que é o cocô do cavalo do bandido morto.

Camila – Estava te angustiando ficar trocando de curso o tempo todo?

Demitri – Quando eu entrei na Comunicação, eu parei. Eu entrei na Comunicação e na História na Uece. Como todo estudante no começo de

“A mamãe fez um acordo comigo porque nessa época, a época da juventude, eu já estava meio perturbado da cabeça e não queria nada, não tinha rumo”.

curso – mas aí pesa pra mim a irresponsabilidade, a indisciplinada –, eu fazia Comunicação na UFC, História na Uece, fazia Francês na Cultura (*Casa de Cultura Francesa, curso de extensão da UFC*), aí todo semestre eu queria fazer uma língua. Passava no alemão, passava no sei o quê, aí ficava feito abestado correndo pra lá e pra cá (*risos da turma*), sem fazer nada, sem fazer porra nenhuma. Eu queria falar francês, queria o alemão, queria o espanhol, queria ser jornalista, queria ser historiador, ah, ainda tinha o teatro, né? (*risos da turma*) E ainda queria ser ator. Aí ficava nessa loucura: faltava aula pra ir pras peças de teatro, escrevia texto porque achava que era texto de teatro, ficava nessa lombra que a gente fica. Você quer tudo ao mesmo tempo e

agora e, no final, você diz assim: “O que é que você fez até agora? Nada”. Aí via os estudantes nota dez, dez, dez e a negada falando coisas que você não sabia, textos que... (*risos da turma*)

Cristina – Eu acho que tá todo mundo se identificando (*risos da turma*).

Demitri – Mas aí, naquela desculpa de dizer: “Mas eu sei, ah, porra, isso aí é besteira, eu posso...”. O Luís-Sérgio (*Santos, jornalista e professor do Curso de Comunicação Social da UFC*) com aquela história dele das cadeiras de teoria, falando lá de Benjamin (*Walter Benjamin, conhecido por sua Teoria Crítica da Escola de Frankfurt*), que hoje eu adoro, não gostava, não lia, não queria saber e ficava naquela loucura e a negada discutindo e você se sentindo nada. Não é. (*É*) porque você ficava meio que correndo pra lá e pra cá nessa história...

Alguns professores na Comunicação são fundamentais. O Agostinho (*Gósson, jornalista, professor de Comunicação Social da UFC e diretor da Rádio Universitária*) porque falava muito, certo? Falava muito das experiências dele, não é nem a história do texto do Agostinho, não, é das experiências do Agostinho. Texto foi com o Ronaldo, que aí meus textos vinham vermelhos, certo? E a Erotilde (*Erotilde Honório Silva, jornalista, ex-professora de Comunicação da UFC e professora-doutora da Unifor*) que ninguém gostava dela, mas eu adorava a Erotilde e a Erotilde, não sei por que cargas d'água, também me adorava, não sei se era a história do teatro. Era a história do teatro, sei lá que diabo era, cer-



Os jornalistas Ana Cláudia Peres, Emerson Maranhão e Adriana Santiago foram os entrevistados na mesa do Bar do Arlindo. Todos bem ébrios.

Os colegas Carlos Ely, Cláudio Ribeiro, Fátima Guimarães, Lira Neto, Ana Mary C. Cavalcante, Fátima Sudário e a irmã Nukácia foram também entrevistados que colaboraram com a produção.



Da Revista Entrevista, Demitri foi o segundo entrevistado que também participou da disciplina de Ronaldo Salgado. O primeiro que participou e foi entrevistado foi o jornalista Lira Neto.

to? E o Gilmar de Carvalho (*jornalista e professor-doutor do Curso de Comunicação da UFC*), que era um cara meio guru, não sei o quê e ficava: “Venha cá, faça isso, não, mas faça isso daqui...”.

Cristina – *Ele te pegou pra Cristo foi?*

Demitri – Tinha que pegar, ainda bem. E aí, essas pessoas... Eu tive que afunilar, certo? Tive que decidir. E tinha que decidir também porque não era mais nenhum menino dentro da Comunicação. Porque aí já acabei deixando a Uece... E não Uece, porque vivia namorando lá, não estudava. Só vivia namorando e ficava naquela impaciência, dizia: “Faz o quê?”. “Faço Comunicação, o Jornalismo, e faço História... Mas História é só pra... (*risos de todos*)”.

Camila – *Você se identificou com o jornalismo?*

Demitri – Muito, muito, muito.

Humberto – *Demitri, quando você fazia Comunicação, você disse que ficava rodando prum lado e pro outro e fazia história só para namorar... E quando fazia Unifor, você não fazia nada...*

Demitri – Nada.

Humberto – *Fazia o que no horário da aula?*

Demitri – Eu ia pra aula, achava uma chatice porque o Turismo, na verdade, é Administração. E aí eu via cadeira de Introdução à Administração, é, umas coisas chatas lá que pra mim e merda era a mesma coisa. Eu ficava sentado na cadeira só olhando. Eu era menino véi, achava que quando eu entrasse na universidade ia encontrar as meninas mais loucas do mundo e iam me pegar e iam me jogar (*risos da turma*), iam me comer logo na primeira es-

quina e bora, pá e tal. Mas como ainda era muito menino do Porangabuçu, apesar das safadezas lá, aqui era outro mundo, aqui era outra história. Eu ia pra Unifor era pelos amigos que tinha lá, tinha três, quatro amigos, tinha uma menina chamada Gracinha, que....

Turma – *Humm...*

Demitri – *É... (risos da turma)* Que era muito doída, que era muito louca, aí frescava, dizia não sei o quê, eu achava o máximo. A Gracinha era a história (*risos da turma*). E ela ainda trabalhava na Vasp (*companhia aé-*

“Na faculdade, eu não fui um aluno brilhante, não, certo? Não fui. Não era quem entregava todos os trabalhos, não era o pontual, não era”.

rea). Ai, eu ainda vou viajar (*disse maliciosamente e a turma riu*). Ainda vou fazer sexo, ainda vou viajar (*mais risos*). Aí, mas não fiz não (*risos*).

Paulo – *Nenhum dos dois Demitri? Nem viajar, nem fazer sexo? (risos)*

Demitri – Peguei a Vasp depois (*mais risos*). Ficava lá (*na Unifor*) por isso, mais por nada, não fiz nada. Ou então porque a negada do C.A (*Centro Acadêmico*)... ia ajudar a colar cartaz de festa, mas não fazia nada, nada na Unifor, não fiz nada. Não tem uma cadeira que eu terminei lá. Imagine, na História pelo menos eu fiz duas, Introdução à Universidade, que era uma cadeira que tinha (*estalando os dedos, dando a entender que é uma cadeira antiga que não mais existe no currículo universi-*

tário), e outra, não sei se foi Introdução à Sociologia...

Marcos – *Na universidade, você ainda era tímido ou tinha perdido a timidez já?*

Demitri – Quem me tira o cabaço da timidez é o teatro. Foi o teatro que me tirou porque era tímido pra fazer algumas coisas. Pra outras, não. Mas essa história de conversar, de ser metido, não (*Demitri quer dizer que sempre foi metido e conversador*).

Juliana – *Você era tímido em que aspecto?*

Demitri – Eu não tinha coragem, por exemplo... eu jogava bola, eu jogava bola no Porangabuçu, jogava legal, né... (*risos da turma*) Jogava bola no Porangabuçu, no calçamento, não sei aonde lá, jogava... Quando a gente jogava time de camisa, eu brochava. E aí, eu não conseguia jogar.

Cristina – *Você era tão canelau, tão canelau...*

Demitri – Não conseguia jogar. Aí eu fui pro Redentorista (*Colégio Redentorista, no bairro Rodolfo Teófilo, onde Demitri concluiu o Ensino Médio*). Saí da Escola Profissional (*Escola Profissional das Irmãs Josefinas, também no bairro Rodolfo Teófilo*), que era uma escolinha, aí fui pro Redentorista. Dentro do Redentorista, eu não pegava na bola. Então a minha timidez era essa de, mais ou menos, de enfrentar. Depois de muito tempo, quando eu estava no quartel, eu fui disputar campeonato pela polícia (*Polícia Militar, onde Demitri trabalhou de 1987 a 1992*), ainda era pior, mas aí eu enfrentava a negada: batia, corria, gritava, certo? Tava lá, era mago véi, pior ainda naquela época lá, mas tava no meio da negada, perturbava, encheram o

A Revista Entrevista tem um significado especial para Demitri. Quando fez essa disciplina, Demitri começou a construir uma amizade com Ronaldo e entrevistou seu ídolo Moreira Campos.

saco e tal e quem tirou essa história da timidez foi o teatro. Na primeira vez que eu fui fazer uma peça no Redentorista (*rindo*), eu fazia um cara que era cantado por uma prostituta, que era a Cláudia, maravilhosa, estudante do Redentorista, do terceiro ano. Depois dessa história, aí eu tive coragem de subir no palco. A negada (*disse*): “Quem é que quer ir para o teatro?”. A bicha (*a voz*) vinha bem aqui, (*Demitri aponta pra garganta*) “Eu vou, não vou, eu vou”. Aí, pá, quando eu entrei nessa história do teatro, de subir no palco, acabou a timidez aqui. Parou.

Juliana – *A sua timidez era de enfrentar o novo, seria isso?*

Demitri – Talvez, enfrentar o novo, de encarar, de ter mais autoconfiança, apesar de ter em outras coisas, mas tinha uma certa timidez em relação a ... Talvez porque o meu mundo fosse aquele ali, meu mundo era o Porangabuçu, o meu mundo depois era a José Bastos (*avenida José Bastos, no bairro Rodolfo Teófilo, onde Demitri passou a morar em 1978*), então meu mundo era aquele ali, não tinha outro mundo. Então, a universidade me assustava, certo? O jornalismo me assustava quando eu cheguei lá.

Karine – *Mas o jornalismo porque, como você tem que brigar pelas pautas, ir pra cima, procurar as notícias, encarar as pessoas sem medo, ele também foi um fator que...*

Demitri – Que quebrou?

Karine – *Que contribuiu pra você diminuir a sua timidez?*

Demitri – Também. Por quê? Porque aí eu tinha que inclusive encarar o Tasso Jereissati (*empresário, sena-*

dor e ex-governador do Ceará). Se eu fosse menos que o Tasso Jereissati ele me comia, né? Se eu fosse menos que algum entrevistado, não estou querendo dizer que jornalista é mais do que a fonte, não é isso, certo? Mas você, quando chega dentro da Redação, você não tem autoconfiança nenhuma. Alguns estudantes têm, mas meio perdidos, né, acham que o mundo é deles, e o mundo realmente é de quem tá chegando, mas aí, às vezes, mete os pés pelas mãos. Eu não sei dizer quem foi a primeira pessoa que eu entrevis-

“Eu era menino véi, achava que quando eu entrasse na universidade ia encontrar as meninas mais loucas do mundo (...), iam me comer logo na primeira esquina...”

tei, mas na primeira entrevista você nem fala. Você fica com medo, você fica... E o jornalismo te obrigava, eu botava na cabeça: “No máximo, o que esse cara vai me dizer é me mandar pra puta que pariu ou me dar um não. O resto, ele não pode me matar. O resto, ele não pode me bater. Se ele me bater, eu bato nele”. O jornalismo me obrigou, me botou na frente de situações que eu tinha que resolver. Ah, tem outra história, tem outra coisa que me quebra (*a timidez*) também, tem o teatro, tem o jornalismo lá na frente e tem a polícia, certo? A fase da polícia.

Cristina – *Demitri, só pra não esquecer de algumas coisas. Você foi pra José Bastos, com mais ou menos 12 anos. Aquele mundo do Porangabuçu acabou. O que é que*

substituiu o Porangabuçu lá na José Bastos? Depois eu quero que você fale das suas andanças lá no Centro na época que você trabalhava no escritório do seu pai. Despertou sua curiosidade a vida do pessoal que faz parte do vaivém do Centro?

Demitri – Desculpa, às vezes eu fico divagando, mas pode me dar porrada que eu centro. Às vezes, entre uma coisa e outra, a gente se empolga. Ainda mais porque a experiência de ser entrevistado é diferente de entrevistar e aí fica meio... Todo mundo olhando. É bom estar do outro lado.

Quando eu vou pra José Bastos, começa a historinha chata, meio sentimentalóide, besta. Começa a historinha chata da relação do meu pai e da minha mãe. “Esse menino tem problema com o pai e a mãe” (*Demitri fala como se deduzisse o que os entrevistadores pensavam e provocou risos*). Todos temos. Ou é o pai ou é a mãe.

Quando começa essa coisa chata aqui, aí começa a entrar nesse cotidiano. Na José Bastos não tinha a mesma história de lá (*Porangabuçu*), não. Nem chegava perto. Tinha as bolas, os amigos legais, tinha agora uma azeitoneira, em vez de uma goiabeira. Tinha jardim de inverno, tinha bidê... Tinha toda uma história. E, assim, você sai do Porangabuçu – porque meu pai sempre teve um rei na barrega, na boa –, mas a gente sai do Porangabuçu, dali, pra melhorar de vida. Na minha cabeça, depois: “Melhorar de vida?”, ali era legal. Ele (*o pai*) era recém-formado, era advogado, todo advogado tem essa frescura... Todo advoga-



Depois que saiu da PM, em 92, Demitri teve tuberculose. O entrevistado disse que achava “o máximo” porque ficava pensando que era Castro Alves. O poeta morreu aos 24 anos de tuberculose. Em 92, Demitri tinha 24 anos.

A pré-entrevista com Demitri aconteceu no dia 11 de outubro na redação do Jornal O POVO. A pré estava marcada para 9 horas, mas Demitri chegou à redação às 11.



A pré-entrevista durou duas horas e meia e só acabou porque a fome começava a apertar e a jornalista Fátima Sudário, atual companheira, esperava faminta a companhia de Demitri pro almoço.

do é chato mesmo e na cabeça dele, doutor (*se referia ao título com desdém*)... Não poderia estar morando no Porangabuçu, numa casa normal, de telhado e no meio do canelau. Então a gente foi pra José Bastos.

A José Bastos ainda era uma área de canelau bem canelau, mas a gente foi pra uma casa financiada pelo Bradesco (*banco privado*), que era uma casa forrada, com jardim de inverno, jardim de inverno... (*falando com admiração e causando risos da turma*). Chovia, mesmo não tendo chuva, chovia nele.

Jardim de inverno, bidê...

Bidê? Sabia lá o que era bidê! Entrar no banheiro da mamãe, aqui deve ter um... (*risos da turma*) o banheiro da mamãe, você abria o guarda-roupa era o banheiro.

Então, aquilo pro meu pai era subir na vida. A gente começou a descobrir outras coisas disso aí. O bidê, a gente brincava de abrir só para ver a água subindo. Só que aí, nessa fase, começa a história do meu pai com minha mãe, a descoberta que ele tinha outra mulher. Nada contra quem tem outras mulheres, não, sem nenhum... Mas é porque cada um com as suas, né? Começa aqui uma história meio esquisita pra gente, então você não tem a ludicidade. Sem nenhuma frescura, quem é filho de pais que estão se separando... Aquela confusão, briga, aquelas disputas dentro de casa. Isso não era legal pra ninguém. A Nukácia que tomava as dores da mamãe, a Nukácia ia mais pra cima do meu pai.

Daniel – *Alguma briga dos seus pais lhe atingiu diretamente? Você lembra de alguma mais séria que você ficou numa situação mais em-*

baraçosa, que até hoje você lembra?

Demitri – Todas as brigas do meu pai com minha mãe, eu acho que me atingiram. Me atingiram, certo? Tem uma, essa está na coluna (*coluna Das Antigas, assinada por Demitri e publicada no jornal O Povo, aos sábados*), mas com nome de outro personagem. Não, se bem que está com o nome dele (*do pai*), só que eu fico falando na terceira pessoa. Um diagramador leu e disse assim: “Rapaz, tu tá sendo muito cruel com teu pai”, o Zé Morais (*diagrama-*

“Quem me tira o cabaço da timidez é o teatro. Foi o teatro que me tirou porque era tímido pra fazer algumas coisas. Pra outras, não. Essa história de ser metido, não.”

dor do jornal O Povo). “Deixa aí, é bom que essa coluna aqui também é um divã, vai expurgar o que tem que expurgar”. A briga lá é que ele rasga o vestido da minha mãe. Então eu tenho isso na minha cabeça. Rasga o vestido da minha mãe e a partir dessa história eu fico meio puto com as coisas. Ele quase bate no Breno nesse dia. E ele tinha uma deferência a mim, diferente dos outros. Não sei se porque naquela época eu não ia muito para cima dele, até hoje eu não vou. Eu gosto dele, muito dele, na relação de isolamento, ele na dele, eu na minha, meio esquisita. A gente se encontra, diz “eu te amo”, “eu amo o senhor também”, mas a relação ficou meio tonta, ficou meio arranhada. E aí, talvez a história da juventude entre nessas histórias que eu

não gosto, não era a história onde eu só brincava, assistia o Sítio do Pica-Pau (*Sítio do Pica-Pau Amarelo, programa de TV inspirado nas aventuras dos heróis de Monteiro Lobato – 1882-1948 –, considerado o maior escritor infantil brasileiro*), brincava e tirava nota ruim, tirava nota boa, não sei o quê... E aqui começa a ter essa série de confusões, não era legal. Então, a José Bastos, pra mim, eu não tenho saudade nenhuma dela. A única, aliás, a saudade que eu tenho dessas épocas é da infância. Das outras épocas eu não tenho saudade nenhuma. Quando vai pra Maraponga (*bairro da Zona Sul de Fortaleza, onde Demitri morou até se casar*), essa aí é que eu não tenho saudade mesmo, mas zera, zera total, nem das pessoas (*batendo na mesa*), eu vivo expurgando elas dentro da coluna.

Ciro – *Anteriormente você falou que essas brigas do seu pai e da sua mãe... Você usou até um termo “quebrou o encanto”. Essa decepção infanto-juvenil, no que é que ela até hoje se mantém na sua personalidade?*

Demitri – O que é que interferiu? Olhe, **Ciro**, ela vai interferir talvez assim, por exemplo, pai e filho. Eu não tenho uma relação boa com meu pai. E estou falando isso aqui agora (*gaguejando*). Ele foi embora, um dia ele foi embora. Passou três anos. Foi embora, pufo, e depois disso a gente nunca conversou, a gente nunca conversou. A minha irmã lavou roupa com ele, a Nukácia. A Nukácia tem umas lombras lá, eu disse: “Nukácia, oh, eu tenho problemas com o paizim, mas eu não tô a fim não, já passou, a história é outra. Não sei

Depois do primeiro atraso de Demitri e vários depoimentos de que ele é o maior frito, a equipe passou a lembrá-lo insistentemente do dia e da hora da entrevista.

o que era a relação dele com a mamãe na intimidade, o problema é deles. A mamãe vive noutra vida, ele vive noutra, não me interessa mais". Mas isso é até uma atitude de recluso. Eu sou isolado do meu pai, eu não ligo pro meu pai, certo? Teve o aniversário dele, teve o dia dos pais, eu não liguei, eu fiquei pensando: "Vou ligar pro meu pai, não vou, vou ligar pro meu pai, não vou, vou ligar pro meu pai, não vou..."

Daniel – *Resquícios ainda?*

Demitri – Acho que tem. Ficaram as historinhas lá. É tratamento diferente que tem o dos meus filhos. Eu estou separado da Virgínia, mas a relação com meus filhos... E talvez porque aí eu alimento uma culpa. Tem essa história, né? Essa viadagem aí. Talvez por isso eu tente pegar o Saulo, o Pedro e a Sara e segurá-los aqui pra que essa relação deles não quebre. A Sara é meio... Toda menina é meio Electra mesmo. Então... Refletiu alguma coisa? Reflete sim, têm histórias que eu não gosto. Eu tenho três irmãos do segundo casamento do meu pai, mas não me interessa a vida deles.

Camila – *Mas eles chegam a procurar vocês?*

Demitri – Hoje eles convivem com meus irmãos que trabalham na universidade do meu pai, uma dessas nanicas. Eles convivem lá. Agora, entenda, eu não... A história é o isolamento. Eu não tenho nenhum problema com eles, já converso com eles... Não sei, mas não tenho nenhuma relação de irmão, de irmão que eu tenho com os seis, de brincar, de frescar, de beijar... Essa coisa de irmão, de viadagem de irmão.

Daniel – *Você pretende reverter isso, você tem planos, você tem vontade?*

Demitri – Daniel, não sei não. Daniel, aí, eu não sei não. Aí, eu sou muito de de deixar e aí o tempo é que diz onde é que tem que desatar (*desatar*) o nó.

Karine – *Demitri, você falou da sua relação com os filhos. Você lembra que seu pai era um pouco nervoso, gritava muito, mas ele também era um pai amoroso, que brincava com os filhos, né? E eu gostaria de saber como é a sua relação com seus filhos nesse sentido.*

Demitri – O meu pai era afável, amável, era um cara que brincava muito. Agora, era

"Às vezes eu fico divagando, mas pode me dar porrada que eu centro. Ainda mais porque a experiência de ser entrevistado é diferente de entrevistar (...) É bom estar do outro lado".

um cara, quando tava nervoso, dava grito que a casa tremia. Quando o paizim tava dormindo, ninguém podia nem pisar. "Teu pai tá dormindo, psiu!". Eu não tenho essa relação com os meninos. É, pode ser desculpa de separado, mas a relação com eles teve que melhorar depois da separação. Era boa, certo? Mas ela teve que melhorar depois da separação porque você tinha aí uma quebra de cotidiano. Você não convivia mais com os três, então, eu não acompanhava dia-a-dia as mudanças que a Sara tinha, que o Pedro tinha, que o Saulo tem. Então eu tinha que estreitar essa história pra que essa relação fosse compensada. É chato essa palavra 'compensar', "ah, está compensando". É, mas no fim é. É, mas é uma relação assim: a gente vive no cinema, a gen-

te vive discutindo... O Saulo agora tem 14 anos, eu fico perguntando: "E aí, tu, quando vê uma menina, como é que fica?". Ele diz: "Pai, pra que é que tu quer saber disso?" (*risos da turma*). Ele diz: "E tu, tu não tem vontade não?". Aí eu pergunto: "Tu, tem vontade de namorar?". Ele fica: "Tu, tem vontade de namorar?". Eu digo: "Oh, todo mundo tem vontade de namorar" (*risos*). Ele diz: "Eu não quero falar sobre isso". Fica na dele, na idade dele, de quatorze anos. Mas eu faço isso só pra vê se quebro, pra dizer pra ele que tô aí pra conversar qualquer coisa. Meu pai não ficava nu na minha frente, na frente de nenhum dos filhos. Isso é uma coisa que depois... Hoje você não tem essa história com filho nenhum.

Cristina – *Demitri, foi mais fácil você superar a sua separação depois de ter passado por todo o processo de seus pais?*

Demitri – Não, porque aí é a culpa. Porque tem uma culpa muito grande. Eu fui pra terapia... É o caminho de todo separado (*risos da turma*). Só que aí vem a história da indolência, da irresponsabilidade, não sei o quê... Pro psicólogo não, o psicólogo diz que eu tô fugindo. É, eu fui para a terapia pra puder baixar a minha bola pra dizer: "E, aí, como é que é? Como é que fica? Como é que se processa aqui?". Mas, esse processo da separação é muito chato. Os amores, eu acho que têm que ser eternos, apesar de ser um safado, mas eles têm que ser eternos. Certo? Na minha cabeça. A Virgínia, eu fui apaixonadamente, mas apaixonadamente por ela. Teve



Carlos Ely afirmou dias antes da entrevista que "se ele comparecer" a um encontro que não seja de trabalho, "certamente terão se salvado várias almas do purgatório".

Fátima Sudário, por sua vez, disse que o maior defeito de Demitri é ser xexero. A irmã Nukácia confirmou: "O Demitri é muito furão. É rei dos bolos".



No dia da entrevista, no entanto, Demitri chegou pontualmente às 15 horas. Ao encontrar alguns participantes na entrada, fez questão de enfatizar o horário que chegava.

uma hora que quebrou, certo? Mas eu defendo que você vire veinho e veinha (*batendo na mesa*). Mas eu não consegui isso. “Ah, mas...”. Sim, não consegui. Tem o bicho da sem-vergonhice que, às vezes, lhe pega pelo pé. Isso não foi e pra superar a separação... Eu acho que até hoje não está superada, que é meio complicado. Mas acho que até hoje não está superada essa história porque tem muito ainda arestazinhas, muito problema. Quando começa a vir o fim do ano, (*batendo na mesa*) que aí começa a ter as festas familiares, né?

A negada quer que eu esteja aqui, aqui, aqui ao mesmo tempo (*batendo na mesa como se indicasse três lugares*). E eu tenho que estar aqui, a mamãe já reclama, os filhos reclamam, a Fátima (*Sudário, jornalista e namorada de Demitri*), a Virgínia... É uma confusão muito grande na minha cabeça, entendeu? Então, é meio enrolada, ainda é enrolada.

Paulo – *Mas Demitri, você vai guardando essas coisas ou você é daqueles que... Porque você é muito agressivo na redação, algumas pessoas dizem isso. Essa mesma agressividade você tem na vida pessoal ou você vai guardando essas mágoas?*

Ciro – *Só complementando: eu achei interessante, no material que foi coletado com a Nukácia, que ela disse que você é muito prático na vida profissional e que ela gostaria que você também tivesse essa praticidade na vida pessoal. Você acha que nesse momento que está chegando o fim do ano, as festas e você se sente um pouco incomodado com isso... Por quê? Poderia ter sido uma falha sua também?*

Demitri – Da relação? De tudo, né? É, talvez tenha ainda uma história meio mal resolvida. Tenho que voltar pra terapia. Certeza absoluta (*risos*), tenho que resolver o problema com meu pai. A minha irmã, ela vai, só que a Nukácia tem coisa que eu não faço. “Menos, fuma um pouquinho menos”. Meu grau aí é menos, também não é assim. Eu tenho que voltar pra poder centrar nessa história. Tem uma diferença aí do jornalista e da vida pessoal e da vida profissional. Por quê? Na vida profissional, eu acho que eu sou mais ou menos re-

“A saudade que eu tenho dessas épocas é da infância. Das outras épocas eu não tenho saudade nenhuma. Quando vai pra Maraponga, essa aí é que eu não tenho saudade mesmo.”

solvido, certo? Por quê? Porque só vai se resolver quando eu morrer. Mais ou menos resolvido. E a agressividade de partir pra cima das coisas, de ir pra cima. É, eu não consigo. É, eu não tenho essa mesma habilidade aqui na vida...

Cristina – *Afetiva?*

Demitri – É, afetiva, pessoal. Afetiva, certo? E aí talvez porque não saiba lhe dizer um não. “Não faça, não vá”. Porque assim: no jornalismo... (*gagueja*) pra mim é tão fácil resolver as coisas, é tão fácil ir pra cima da história, é tão fácil exigir, é tão fácil pautar, é tão fácil escrever, é tão fácil tentar ver outras histórias, né? Isso talvez me dê mais prazer. Quando é nessa história aqui, que mexe negócio de sentimentos e pessoas não sei o quê, eu fico com medo de agradar, desagradar a outro,

agradar a outro... Fica nessa história e isso me pega meio de calças curtas. Eu acho que tem muita coisa resolvida aqui no jornalismo (*batendo na mesa*), mas aqui (*vida afetiva*) eu não trafego bem. Apesar de... as minhas relações são boas, maravilhosas... são maravilhosas, mas quando é nessa história: “Vamos discutir a relação...” (*risos da turma*)

Tarciana – *Eu queria voltar ao assunto aí da Cristina, aquela história do Centro. Como foi essa tua descoberta do Centro da Cidade?*

Demitri – O Centro... O meu pai era advogado. Aí ele se forma e bota um escritório. Eu acho que o primeiro escritório dele foi no edifício Lobrás (*edifício comercial que, além de abrigar a extinta Lojas Brasileiras, alugava salas, na Praça do Ferreira*) e é ali onde é a Marisa (*loja de artigos femininos*), vizinho

à Marisa, aliás. Lá em casa era uma família humilde, mas a minha bisavó era aquelas véia do interior. No Maranguape (*município da região metropolitana de Fortaleza*), tinha casa, eram pobres...

Cristina – *Poderosos...*

Demitri – É, eram pobres que tinham coisas (*risos da turma*).

Paulo – *É meio raro, né, mas, na época, podia ser* (*risos*).

Demitri – Pobres que tinham coisas. Porque aí eu também não entendia como é que ela tinha casa e comprava fiado na bodega (*risos da turma*).

Paulo – *Mal pagadora, né?*

Demitri – Era mal pagadora, não sei qual era a relação... Quando ele se forma, ela vende as três casas que tinha, a nossa, onde a gente morava, e tinha mais duas aqui, que vivia de aluguel não sei o quê bá,

A entrevista aconteceu na casa da Cristina, que fez parte da produção. Cristina alegou que o lugar era adequado, mas o vento acabou incomodando um pouco.

bá, bá. Acho até que ela enterrava o dinheiro. Tem que achar onde é que tá esse dinheiro. Aí bota o escritório e, a partir, acho que dos 10 anos, a gente já ia pro escritório do meu pai. Os mais velhos passam a cumprir uma escala de contínuo: Nukácia, eu, o Breno e o Jivago, o Glauco vem depois. Todo dia, a gente tinha um dia pra ir pro escritório dele. Aí ficava lá na ante-sala recebendo a negada: “O doutor tá aí?”, “Tá...” (*resmungo*). Esse é o primeiro contato, é o contato mais aberto com o Centro. E aí o meu pai começa a usar a gente de contínuo, de boy. O Centro, na época que a gente era pequeno, era grandioso e é maravilhoso. Eu adoro o Centro. Ele pegava a gente e dizia: “Vai, vai, vai lá no banco pagar não sei o quê”. “Qual o banco?”. “Banco do Brasil”. “Onde é que fica?”. Aí diz: “Tu não tem boca, não?”. “Sim, mas...”. “Te vira, você vai perguntando onde é o banco”. A gente saía perguntando: “Onde é o Banco do Brasil?”. Aí: “Qual é o Banco do Brasil, tem bem quatro aqui”. “Não sei”. Aí ficava nessa lombra. Nessa coisa forçada, a gente acaba conhecendo. Eu, particularmente, conhecendo o Centro direto. A melhor coisa que tinha era quando eu saía do escritório, que eu saía de perto do abuso do meu pai e ia ficar no Centro flanando, egflando, pagava as coisas dele lá, depois comia um sanduíche e ficava lá olhando, parado, na praça.

Daniel – *Você conversava com as figuras lá?*

Demitri – Não, não. Eu sempre fui muito de olhar e de escutar, de ficar vendo. O Centro hoje não é um terço do inferno que era. O inferno que eu digo da confusão de gente

que era. Ali na (*rua*) Liberato Barroso com (*rua*) Barão do Rio Branco, se você passasse, você podia ter certeza que, às vezes, a negada lhe assaltava. Batia carteira, na época, era bater carteira ou então cortar de gilete a blusa das mulheres. Então tinha essa, o Centro era uma coisa... Era o centro nervoso da cidade. E essa história com o Centro, essa obrigação de ir pra lá por causa do escritório do meu pai, me dá a história da paixão pelo Centro, né? Da mesma paixão que, talvez, pelo Porangabuçu porque aí ele mudou acho que

“É, pode ser desculpa de separado, mas a relação com eles teve que melhorar depois da separação. Era boa, certo? Mas ela teve que melhorar porque você tinha aí uma quebra de cotidiano”.

umas seis vezes de escritório. Foi na Lobrás, depois foi pra (*rua*) Senador Pompeu, ali atrás da Americana, que eu acho que não era Americana ainda, foi pra vários cantos. Então eu ficava subindo e descendo escada rolante, brincando... Ficava naquela história. Quando foi pro Panorama Artesanal, ali perto da Emcetur (*Centro de Turismo, antigo prédio da Cadeia Pública, que ficava na rua Senador Pompeu*)... Aí essa história de “ouvi dizer” é muito bom. É muito legal você escutar essas histórias. Eu não conhecia a história de Fortaleza, tava experimentando aqueles cotidianos ali. Só vim conhecer a história mais ou menos depois da universidade. No Panorama Artesanal, pra mim já tinha uma história. Meu avô foi militar e ele trabalhou na Cadeia

Pública. Era oficial da Guarda Civil, Guarda Civil depois Polícia Militar. E eu ficava imaginando: “Hum, aquela cadeia cheia de gente...”. E ali perto tem o curral, o curral é um local cheio de puteiro (*cabarés, casas de prostituição*) antigamente. Ainda tem, mas era lotado de puteiros... Já estava se acabando, na minha época de quando eu era menino adolescente véi. Mas, 60, por aí, ali era onde tinha os maiores puteiros zunbus, puteiros fuleragens da cidade...

Fernando ou Daniel – *Tu chegou a ir pra lá?*

Demitri – Não, mas tinha vontade, mas não tinha coragem (*risos da turma*). Não tinha coragem de ir pra lá porque tinha medo que a negada me pegasse lá, mas ficava olhando do Panorama Artesanal aquelas histórias. As mulheres ficavam na esquina... Uma senhora, uma senhora mesmo, bem senhora, bem senhora, que passou... Foi a primeira cantada... (*risos da turma*) Eu passei apressado pro escritório, aí ela: “Ei, menino”. Aí eu olhei assim e nem falei nada. Ela disse: “Vamo fuder?” (*risos da turma*).

Cristina – *Que cantada, Demitri!*

Demitri – Eu olhei pra ela assim, fiquei envergonhado, aí saí correndo, mas aquilo ficou na minha cabeça, né? Resolvi os problemas do escritório e fiquei em cima da sacada do muro, fiquei olhando a mulher lá fazendo ponto, não sei o quê, mas aquilo pra mim era uma história. Nem ia transar com ela, mas a proposta prum menino véi é maravilhosa. Né, um menino véi abestado, que tá ali... E era uma senhora mesmo, uma senhora, ela tinha uns 60 anos de idade (*risos da tur-*



Demitri chegou rouco no local da entrevista mas, com o tempo, a garganta pegou no tranco e ele falou por três horas. E ainda tinha muito mais histórias para contar.

Demitri chegou à casa da Cristina com um presente para o professor Ronaldo. “O Conde e o Passarinho & Morro do Isolamento”, de Rubem Braga, foi o livro que Ronaldo ganhou.



Quando Demitri chegou para a entrevista acompanhado, coincidentemente, de quatro integrantes da turma e um espectador, a sala lotou de vez e virou uma algazarra.

ma). E o Centro tem essas historinhas lá... De ir nos carros do paizim, voltar de ônibus, ir de trem pra casa, que era legal, na Praça da Estação. Você vai convivendo, tem medo de ser assaltado. Quando você tinha, na época lá, os cinemas, o Fortaleza, o Arte, o Diogo (*os três são cinemas que ficavam no centro de Fortaleza e foram extintos nas últimas décadas*), o São Luiz... Hoje só tem o São Luiz (*cinema luxuoso, inaugurado em 1958, na Praça do Ferreira*). Essa história toda, o Jangada (*extinto cinema em que era exibido filmes eróticos*) com a viadagem, que ninguém podia entrar ali, certo? O Centro ainda está vivo, mas essa loucura que era o Centro da cidade, essa confusão, os aborrecimentos do meu pai, todas as pessoas de paletó, os advogados... Isso pra mim foi muito bom. Vai vir pro jornalismo na hora... Depois que eu entro pro jornalismo e sou acionado pro Centro da cidade, é bom demais, certo? Porque é como se eu já conhecesse aquela historinha lá e pudesse andar sem nenhum problema. A geração de vocês já é outra, e eu não sei onde é que vocês moram, mas ninguém tem mais essa relação com o Centro da cidade. Hoje as pessoas têm medo de lá, assalto... Tem, tem, mas o Centro é legal, ele tem a sua história. Maravilhoso!

Paulo – *E essa sua postura jornalística diante do Centro, Demitri, é revitalizá-lo, por exemplo, dentro das suas pautas?*

Demitri – Não é nem revitalizá-lo, que o pessoal briga porque diz que o Centro não tá morto. Realmente ele não tá morto, né? Quem mais dá dinheiro pra cidade é o Centro, ainda. E lá você vai ter mil atividades. Podem estar

decadentes, mas têm. Claro, você perdeu hotéis, você perdeu bancos, todos os bancos eram lá, você perdeu cinemas, Prefeitura, o Fórum... O Fórum, eu vivia no Fórum. Eu vivia subindo e descendo no Fórum. Vocês não pegaram o Fórum não, né? Mas foi por pouco, né? Que ele (*o Fórum Clóvis Beviláqua*) foi (*mudou-se para o bairro Água Fria, na zona leste de Fortaleza*) em 98, sei lá.

Ciro – *Oito.*

Demitri – Noventa e oito, né? Eu vivia lá, com aqueles

“Os amores, eu acho que têm que ser eternos, apesar de ser um safado, mas eles têm que ser eternos. Certo? Na minha cabeça”.

advogados chatos, subindo e descendo, com os juízes, promotores chatos, correndo atrás do meu pai... Afogueado, certo? Então ele (*o Centro*) perdeu toda a história que acontecia lá, tudo que desembocava lá – economia, diversão, lazer – ele perdeu muito, mas ele ainda mantém muita coisa, decadente ou não, mas mantém. E a história não é revitalizar, é requalificar. E eu não sei nem se é requalificar porque, às vezes, é preconceituoso. Requalificar é botar os ambulantes pra fora das ruas. Não sei, não sei se é criar espaços pra eles. Ordená-los, né? A merda é essa mesmo, mas ordená-los em espaços. Não sei se seria isso. E a história é: e lá tem vida, e lá precisa, os jornais precisam estar lá. Existem histórias, existem pessoas, existem coisas mara-

vilhosas, existem pautas fabulosas, certo? Pautas que nem foram feitas ainda. A gente tem a mania de repetir muito as pautas do Centro, mas existem outras coisas mil. Então, vamos fazer um ensaio fotográfico sobre o Centro, a partir dos edifícios, de cima, não sei... Existem mil coisas. É só você parar um pouquinho, sentar e começar a caminhar ali, pra ver o que é que tem. E a história da cidade tá ali, né? Como a história da cidade tá lá no cemitério. Agora isso me pesa... Essa convivência com o Centro, com as coisas, você,

às vezes, acaba esquecendo outros cantos da cidade que você nunca nem foi: ruas, bairros, que você nunca chegou lá. E aí é falho.

Ciro – *Até que ponto essas suas experiências no Porangabuçu e no Centro contribuíram pro jornalismo humanístico que você faz hoje?*

Demitri – As histórias do Porangabuçu é essa convivência com essas pessoas, com o fulano de tal, que era taxista e o filho dele que a gente brincava, que era do mesmo grupo... Com a velha que vendia dindin, as coroas da calçada alta lá, que era um grupo de seis mulheres, certo? Então você tinha uma convivência com elas. Com a família de crentes que morava em quase cinco casas na rua... Com todas essas histórias, com quem era mais pobre, com quem tinha mais grana, tinha carro... Essas histórias, esse mundo de gente, esse mundo de cotidianos me alimenta pro jornal. Além de uma coisa também: você precisa gostar, você precisa gostar. E, assim: tem gente, por exemplo, que adora outros cotidianos. Maravilho-

O momento de descontração durou cerca de 15 minutos. Demitri conversou um pouco com o professor Ronaldo, bateu fotos, recebeu abraços e acomodou-se aparentemente à vontade.

so. Outras histórias, como tinha uma repórter do jornal que adorava o mundo meio punk. Eu não gostava daquele mundo lá, mas aquela paixão que ela tinha por aquela história é maravilhosa. É você se apaixonar por aquilo ali. Então, você tem que ter a convivência com esses cotidianos, mas você também tem que ter a paixão por essa história. Você tem que gostar, você tem que experimentar e se permitir. Às vezes a gente não se permite. Às vezes o repórter não se permite em algumas coisas. Não é porque você não vai se permitir experimentar pautar a Parangaba... É lógico e evidente, nada de chegar lá, beijando todo mundo que tá mijado na calçada (*Demitri solta beijo*): “Vamos se deitar e rolar aqui”. Não, não essa história, mas você conviver com aquele negócio ali. Você vê o que tá acontecendo, você participar... E você tentar, de alguma maneira, contribuir pra que aquilo ali mude.

Fernando – *A gente vê assim: você fala que suas experiência de vida refletem no jornalismo que você faz hoje, mas, ao mesmo tempo, o jornalista tem que conviver também com a questão da imparcialidade, que é muito cobrada. Eu queria saber como é essa relação pra você: a imparcialidade e a influência da sua experiência de vida.*

Demitri – Olha, não existe imparcialidade no jornalismo, certo? A imparcialidade tem que ser compreendida como uma teoria relativizada, na minha cabeça. Posso até tá dizendo uma grande besteira, mas, pela experiência, a gente vê isso. Você vai ser imparcial, por exemplo, quando você tá fazendo matéria numa área de

risco, que tá lá abandonada há 10 anos e passaram-se 16 anos e a Prefeitura não conseguiu mudar essa história. Então você vai ser parcial, certo? Você vai ser parcial.

Lógico que você também não vai escancarar isso aqui, mas quem manipula o texto – manipula, falando não no sentido pejorativo – quem manipula esse texto, quem vai editar esse texto, quem vai dar o tom dessa história tem uma parcialidade muito grande. O repórter que tá lá ouvindo essa história tem também. Tem uma coisa, que aí a gente, às

“(...) no jornalismo... pra mim é tão fácil resolver as coisas, é tão fácil ir pra cima da história, é tão fácil exigir, é tão fácil pautar, é tão fácil escrever, é tão fácil tentar ver outras histórias, né?”

vezes, acaba confundindo. O repórter acaba sendo paternalista. Aí é a merda. Porque a historinha da dona fulana de tal, que mora na casinha... Olha o que eu tô dizendo: a fulaninha, a casinha, que mora lá no bairrozinho, que tá dentro da lama... Que tá lá. Existe essa situação aqui. Você pode expor essa situação de maneira humanizada, de maneira humana, de maneira legal, sem ser paternalista. A história tá acontecendo lá, são 16 anos de Prefeitura e a Prefeitura não mudou essa realidade. Quem vai levar pau aqui? É a prefeitura. Você tá sendo imparcial? Tá não. Você é parcial aqui. Não é porque você é o paladino da justiça, nem é porque você é o Che Guevara (*Ernesto Che Guevara, revolucionário comunista, que ficou conhecido depois de*

participar da Revolução Cubana, viveu de 1928 a 1967) da periferia, não. De jeito nenhum, certo? De jeito nenhum. Mas é porque você vai ter parcialidade sim. Você vai ter que tá sempre aqui nessa história. Às vezes, inclusive, as pessoas dessa casinha ou os movimentos sociais acabam confundindo a história do olhar do jornalista, da identificação dele com essa história, com paternalismo e com uma identificação geral. Como, por exemplo, quando a gente fez uma série de matérias sobre...

(*Demitri bate várias vezes com o dedo indicador na mesa*) Habitação na periferia, sobre áreas de risco e se partiu de que já tinham sido feitas 50 mil matérias sobre essa história, então vamos fazer o seguinte: vamos mostrar onde deram certo os sistemas de mutirões, as casas que foram construídas... Vamos mostrar essa experiência legal aqui. E vamos também mostrar o seguinte: quem ganhou casa? Vendeu e voltou pra área de risco? Voltou pra essa área de risco... Vamos.

Quando se começou a fazer isso, um advogado do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Diocese, eu não me lembro o nome dele, eu queria dá o nome dele (*inquieto, ele bate todos os dedos de uma das mãos sobre a mesa, um de cada vez*), porque esse cara é um babaca. Eu esqueci, certo? Esse cara, que eu acho que ele caiu de pára-quadras, porque o pessoal lá é sério, é legal. Só que esse cara eu acho que caiu de pára-quadras e foi pra se aproveitar. Mais um advogado no mundo, né? Na hora que começou a se fazer isso (*as reportagens sobre habitação*), ele: “Não, mas



Demitri também teve seu momento ‘top model’. Igor (o fotógrafo) tirou várias fotos do entrevistado. Enquanto isso, os entrevistadores estavam ansiosos aguardando o início da entrevista.

Demitri ficou sentado entre Karine e Marcos e de frente para a equipe de produção: Cristina, Paulo e Daniel.



Extremamente gesticulador, Demitri sempre pegava no braço ou na mão da Karine para contar algumas histórias. Karine, sempre muito tímida, não conseguiu disfarçar sua satisfação.

ninguém pode estar falando das pessoas que voltaram pra área de risco". Mas por que não? Eles estão errados também. Eu sei que não há condição, eu sei que o governo não dá condição do fulaninho que entra na casa aqui... Ele deu a casa. A casa não vai resolver o problema, o problema sócio-econômico dele. Não vai. Aí o que é que ele faz? Ele arranca o sanitário, ele arranca a janela, ele arranca a porta pra vender, pra comer. Ele não tem emprego, certo? Ele não tem emprego. Não tem um projeto associado à urbanização de áreas de risco e empregabilidade pro pai da família, a mãe. Então, ele arranca e vai, mas só que você também não pode fazer a defesa da negada que quebra aqui e vai pra cá de novo... E tá lá do mesmo jeito. E aí eu vou por aquela política assim: ruim aqui, menos ruim aqui, certo? E aí é que tá a história... Voltando à história da imparcialidade: você é parcial, certo? Você é parcial, sim.

Karine – *Agora, Demitri, é claro que a história do jornalismo imparcial é um mito. Mas, no entanto, alguns profissionais defendem que se deve procurar o máximo de isenção, o máximo de distanciamento. Eu queria saber se você concorda com isso ou não. Você acha que o jornalista deve pôr sua ideologia na matéria? Eu digo isso por conta daquela história que aconteceu entre você e o Lira Neto (jornalista, que foi ombudsman do jornal O Povo em 1998) em relação às matérias sobre o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (no material de produção, Lira Neto disse que, em uma série de matérias*

sobre o MST, os repórteres, chefiados por Demitri, ouviram apenas os assentados, sem ouvir os fazendeiros).

Demitri – Certo (*Demitri volta a bater levemente os dedos de uma das mãos sobre a mesa*). Olha, é a história que eu tava dizendo. Vai haver a parcialidade, certo? Se possível, a parcialidade com isenção. Porque você, quando tá elaborando o texto, sabe o quanto pesa um adjetivo, o quanto pesa uma aspa, o quanto pesa a manipulação de uma informação. Você, nessa hora, é parcial sim, mas isento das

"A melhor coisa que tinha era quando eu saía do escritório, que eu saía de perto do abuso do meu pai e ia ficar no Centro flinando, egüando, (...)"

histórias, você tá dando olhos aos dois lados. Você tá num papel – mas jornalista não é agente social – c é meio agente social sim (*bate várias vezes com o indicador na mesa*). De cobrar do prefeito ou por que não acontece isso aqui, porque é pessoa pública e pessoa pública que se meteu na vida pública tem que responder. Então, você vai trabalhar isso de maneira isenta. Tem horas que não dá? Tem. Tem horas que a cobertura fica desalinhada? Tem. Aí eu vou assim: mas essa cobertura contribuiu pra alguma história? Contribuiu. Então, eu vou ficar calado. Eu não vou querer defender que você seja uma guerrilheira e vá lá pra dentro da redação (*Demitri finge digitar a matéria sobre a mesa*): "O fela da puta do prefeito Juraci Magalhães (*prefeito de Fortaleza de 1990 a 1992*

e de 1998 a 2004)... Ontem, sabe o que ele disse? Soltou piada lá..." (*risos de todos*).

Paulo – *Babaca...*

Demitri – Não tem sentido isso... Babaca, né? (*risos*) Não tem sentido essa história, mas você vai começar pela piada que ele disse: "ah! Viver numa casa de área de risco mata o idoso". Você começa com a aspa. Você tá de uma outra maneira, direcionando a história lá, depende de como você vai fazer. A negada até hoje critica a história do MST e aí identifica... Teve uma época que a editoria de Cidades, depois do Lira, (*foi*) chamada pelo Gibson (*Antunes, jornalista e ombudsman do O Povo em 1999*)... Respeito o Gibson, mas acho ele babaca (*risos da turma*). É... De fazer o seguinte, de dizer que lá tinha um grupo guerrilheiro (*bate com o indicador algumas vezes sobre a mesa*).

Hãn? Se a gente fosse (*tom irônico*)? Ah se fosse... Mas não existia, não tinha essa história. O problema é que tinha um problema de terra. Existiam problemas de procedimento dos caras dentro da polícia, do Governo do Estado e isso tinha que ser posto. E outra: geralmente a negada do outro lado não queria falar e você botava procedimento. Não é que você não tivesse dando espaço. Por um tempo eu passei a minha vida, e, às vezes, ainda tenho esse ranço, de dividir as coisas no meio: o bem e o mau. Eu tô tentando quebrar essa história do bem... O PSDB (*Partido da Social Democracia Brasileira*) é do mal e o PT (*Partido dos Trabalhadores*) é do bem. Depois que o PT também assumiu, aí é que quebrou mesmo essa história. Mas eu tô tentando, assim, pra

A entrevista começou por volta de 15:15 e terminou mais ou menos 18:10. Paulo e Cristina ficaram desesperados quando sentiram o perigo de faltar fita e a entrevista continuar.

dizer: não vamos por essa teoria maniqueísta do bem e do mal. Vamos pela história do que tá certo.

Por exemplo: uma coisa aqui que é meio esquisita, mas que de vez em quando ela tem que ser posta. Uma disputa eleitoral, essa que teve agora (eleições municipais de 2004). Eu e o Cláudio (Ribeiro, jornalista do *O Povo*), a gente tava passando, tinha um bandeiraço (dos militantes do PT, na véspera do segundo turno da eleição) ali na (avenida) Rui Barbosa com (avenida) Antônio Sales. E, no jornal tem a regra lá do não-envolvimento dos repórteres com as políticas pra não criar identificação do repórter... Para não ser posto em cheque, que eu concordo. Alguns repórteres não concordam, mas eu concordo porque aí você vai tá pondo em risco a credibilidade na hora de uma entrevista. E, principalmente, naquele momento em que você tava entrevistando todos os candidatos e o candidato podia botar o dedo no seu nariz e dizer: “É, mas você vive lá no bandeiraço, no comitê, por que você tá aqui me perguntando isso?”. Isso me desarmaria. Eu ia pra briga, mas me desarmaria. Houve uma parcialidade da imprensa cearense em torno do nome da Luizianne (Lins, candidata que venceu as eleições municipais em 2004, depois de ter disputado o segundo turno com Moroni Torgan)? Lógico e evidente. Tá aqui, tá posto. Só não o jornal *O Estado* (jornal cearense), que defendeu o Moroni. Mas o resto dos jornais, sim.

Eu e o Cláudio, a gente foi chamado a atenção porque tava nesse negócio lá. Aí eu fui dizer: “Não, mas eu tava passando lá, desci e fui embora”.

Mas há essa história, mas houve uma parcialidade. Lógico, são dois candidatos diferentes, certo? Você tem que explorar... No dia que a gente foi entrevistar (na série de entrevistas do projeto *O Povo Entrevista*, em que foram entrevistados os candidatos à prefeitura de Fortaleza durante a campanha eleitoral, veiculada pela *AM do Povo*), no segundo turno, os dois separados, a entrevista do Moroni foi fuderosa, certo? Foi uma confusão: grito, brô, bra, ele gritava, não sei o quê, os repórteres iam pra cima e liga-

“Nem ia transar com ela, mas a proposta prum menino véi é maravilhosa. (...) E era uma senhora mesmo, uma senhora, ela tinha uns 60 anos de idade.

vam (os ouvintes da rádio) dizendo: “deixa o homem falar, não sei o quê!”. E ele ficou dizendo: “Ah, mas isso aqui é uma cadeira elétrica, vocês apertam daí e eu tremo daqui”. E aí esse negócio vinha na boca pra dizer assim: “Como o senhor fazia com os presos que pegava lá não sei aonde” (Demetri referiu-se à época em que Moroni atuava como delegado da Polícia Federal, em 1997, quando existem suspeitas de que Moroni participou de esquema de tortura nas delegacias). (Risos da turma). Mas eu não tinha prova, não podia dizer um negócio desse, né? Não tinha essa história. Mas, havia uma parcialidade? Sim, mas tem que se ver, tem que se observar a isenção. Você tava trabalhando em cima de fatos, você tava trabalhando em

cima de histórias, histórias de pessoa. Se a pessoa não tem firmeza na história dela, se ela não consegue se equilibrar nas duas pernas no que diz, é ela que vai cair por ela mesma. O Moroni é que vai responder pela história dele. A Luizianne vai responder pela história dela. Porque quando terminou a entrevista do Moroni, aí a gente olhava um pro outro assim: “A gente vai ter que sentar o pau na Luizianne, de qualquer jeito”. Aí ficou aquela confusão, pra dizer assim: calma. A entrevista tem que ser do mesmo nível, na boa, mas com a isenção. Não tinha ninguém lá com a bandeira ‘Luizianne, Luizianne!’, ou dando escada pra ela subir, não. Mas ela tinha mais coerência no que respondia. Porque o cara lá, pra se dizer assim: “Eu defendendo a segurança, eu vou botar 5 mil homens na rua, não sei o quê e bá, bá, bá,

bá, mas aí tem um documento que mostra que ele vctou a história das portas eletrônicas com os detectores de metal (quando foi Secretário de Segurança do governo Tasso Jereissati – 1991-1994). Então, é incoerente. Você vai em cima da incoerência das pessoas. O menino me perguntou, o estudante lá da Fa7 (Faculdade 7 Setembro, onde Demetri é professor), disse assim: “Quer dizer que na entrevista vocês vão mais pra detonar, é? Só pra desestruturar o entrevistado?”. Eu digo: “Não, não é isso, não”. Agora, se tem isso aí, é circunstância. Se vai é circunstância do momento. A história de cada um.

Cristina – Demetri, então, antes da gente ficar falando mais alguns casos, eu queria voltar um pouco pra juventude e falar da sua vida de mili-



A entrevista só foi interrompida uma vez quando o carro do entrevistado disparou o alarme por volta de dez para as seis da noite. Demetri “calou” o carro da varanda do prédio, no 12º andar.

A equipe de produção se envolveu muito com a vida de Demetri quando estavam fazendo entrevistas com colegas, amigos e familiares.



Os integrantes da produção se reuniram poucas vezes para discutir a pauta da entrevista. Cristina se mostrava angustiada por ter tanta coisa a abordar na vida de Demitri.

tar. *Eu queria começar com a história de que você começou a ter um senso de responsabilidade maior com a separação dos seus pais. Você estudou, você trabalhou lá na escola pra pagar os estudos dos seus irmãos... E, em 87 – a Nukácia até falou que foi um ato de heroísmo seu – você fez a prova para Polícia Militar pra sair da pindaíba, tirar a família do sufoco... Não tinha outra opção? Por que é que você escolheu a Polícia Militar, uma profissão de risco?*

Demitri – Não... Exagero da Nukácia dizer que foi um ato de heroísmo. Foi não. Eu entrei na Polícia Militar pelas circunstâncias mesmo. Como todo menino véi do jornalismo, também não tinha muita informação do que era, do que existia pra se fazer. Não sabia nem que concurso estudar. Se bem que quando eu entrei na Polícia Militar, eu já tava na Comunicação. Meu pai tinha ido embora, né? Saiu um dia e nunca mais voltou. E aí a mãe com seis filhos, sem trabalhar... Porque meu pai tinha tirado ela lá em 1930 do trabalho, da escola... Tem essa visão machista dele. A gente não tinha outra saída. A mãe foi vender coisas: perfume, tapeware, esses negócios aí. *(Demitri volta a bater a ponta dos dedos sobre a mesa)*. Passou a vender com as amigas nas casas. E os que estavam crescendo, a lógica era ir trabalhar, né? Ainda mais porque naquela situação, você já não tinha... A gente já estava morando na Maraponga... Aí que eu realmente não gosto da Maraponga, nem tenho saudade das pessoas de lá...

Daniel – *Demitri, a história da responsabilidade, antes da responsabilidade de mili-*

tar, você teve a responsabilidade de ir lá com seu pai, lá no escritório dele de advocacia, e depois você teve a responsabilidade de ser técnico de futebol lá do Redentorista... (Demitri ri)

Demitri – Foi.

Daniel – *Isso já era o começo de procurar essa responsabilidade pra sustentar, pra pagar o colégio ou era só na brincadeira?*

Demitri – Não, tinha que ser mesmo. *(ri)* Era fome mesmo, não era fome não, eu tô brincando, mas era... *(risos da turma)* Ou ia ou então tava

“Olha, não existe imparcialidade no jornalismo, certo? A imparcialidade, ela tem que ser compreendida como uma teoria relativizada, na minha cabeça”.

fudido, né? Não tinha história, mas, a minha parcial irresponsabilidade em alguns campos da minha vida, talvez, seja porque eu tive sempre que ser obrigado a fazer uma coisa e aí, nas outras, eu dizia: “Então, eu não vou fazer”. Quando eu saí da Polícia Militar, eu digo: “Vai crescer a barba, vai crescer o bigode, os cabelos vão ficar grandes, enrolados, eu não vou mais fazer o que eles querem”. O meu pai... Eu tenho problema com pai, né? Eu tenho que ir pra terapia pra... *(batendo na mesa e a turma rindo)*. É, ele tem um grande mérito. Apesar de ter esse rei na barriga dele, tem um mérito. Ele não queria que os filhos estudassem em escola pública. Na cabeça dele, isso era inconcebível, Ave Maria! E, dessa loucura dele, foi bom pra gente porque ele

botava a gente num colégio – eu só estudei em dois, os outros meninos também, em dois ou três –, aí pagava a primeira prestação e só ia pagar em dezembro, certo? Por que não tinha dinheiro? É, mas ele tinha, ganhava, gastava... Era mais coisa de sistematização desse dinheiro, irresponsabilidade. E a pobre da mãe é que sofria. A mãe ia lá, todo dezembro, aliás, não era todo dezembro não, toda vida que a gente ia fazer prova. Quem não tivesse quites lá com as mensalidades não fazia prova. Aí, lá vai a mãe.

E, ia, coitada, com a cara de égua, envergonhada... E hoje eu não gosto de dívida, eu não devo a ninguém, acho que é por trauma desse negócio. É, vamos negociar aqui porque meu marido não tá podendo, negociava, aí pagava. Passava de novo seis meses, vinha as *(provas)* bimestrais e tal... Tome de novo ela fazer o mesmo caminho.

No Redentorista, então, ela viveu fazendo isso, o paizim dizia: “num vai pra escola pública”. “Mas não pode pagar, vamos botar ali que é só uma taxa”. Na época tinha uma taxinha, era a caixa escolar. “Não, não, não, vai pra particular porque meus filhos não vão estudar em escola pública, tem que passar no vestibular” *(Demitri batia na mesa como se estivesse enumerando motivos)*. Aí, a gente foi pro Redentorista, o Redentorista era mais caro. Na época, tava no mesmo top do Farias Brito *(escola particular de Fortaleza)*, que era muito exagerado de dinheiro, mas eles se bati- am: *(Colégio)* Cearense, Redentorista, numa escala menor *(o Colégio)* Lourenço Filho... esses colégios religio-

Um dos encontros aconteceu na calçada da casa do Daniel, num domingo à noite, regado a uma latinha de cerveja para cada. Conversaram muito, mas pouco se decidiu.

sos, era muito cheio de colégio religioso. Então, era um colégio caro, aí ele fazia a mesma coisa: só pagava a primeira. No final do ano... Agora era padre e os padres, muito complacentes... Os padres do Redentorista também têm uma influência muito grande na minha vida. Num belo ano lá, acho que 83, foi o segundo e o terceiro ano, ele propôs: “Minha senhora, vamos fazer o seguinte: a senhora tem os seus filhos aí... eles vão trabalhar aqui, eu dou uma bolsa e tal, paga o colégio deles. A senhora quer?”. “Agora mesmo, na hora”. Aí chamou eu, a Nukácia, o Breno e o Jivago e disse: “Vão trabalhar no colégio e vão pagar”. Trabalhar assim, amarrado, era ruim, mas era a escapatória. Então o padre me chamou, o padre Dermival, gente maravilhosa, tá na Irlanda, ele é um padre irlandês. Me chamou e disse: “Demitri, (*imitando a voz do padre e causando risos da turma*) você vai treinar a escolinha de dente-de-leite”. Oh, os alunos, deste tamanho... (*fazendo gesto para mostrar a altura das crianças e causando risos*) Mas tudo bem. Jogar bola eu sei, treinador eu não sei o que diabo é, mas vamos lá e ia pra essas histórias. Aí tinha história da minha é indisciplina.

No começo, eu fiquei treinando bem direitinho, só que eu trabalhava com crianças, criança de 10, 12 anos, e uns pestinhas. Você ainda enfrentava as mães. Porque eu tinha, sei lá, 30 alunos, 30, 22, 25 alunos e só 11 jogavam, né? E você revezava... você marcava os jogos... E as mães queriam que os filhos estivessem lá. Hoje eu avalio... queria o filho lá e às vezes eu não bota-

va, de birra ou então porque o menino era indisciplinado demais. Aí, eu querendo disciplinar a pessoas. O menino era indisciplinado demais e eu não fazia isso. Às vezes cometia algumas irresponsabilidades porque quando eu estava com raiva deles, em vez de jogar bola, eu botava eles pra correr uma hora no campo (*risos*). Aí passei a ser treinador. O padre Dermival me deu um livro de regras do futebol – isso depois foi me ajudar no jornalismo porque eu fui fazer esportes. Regras do Futebol... Aí tava lá, 4-4-2, 5-5-2 (*estratégias de*

“(...) você, quando tá elaborando o texto, sabe o quanto pesa um adjetivo, o quanto pesa uma aspa, o quanto pesa a manipulação de uma informação”.

armação do time em campo, porém ele se equivoca porque não existe sistema 5-5-2)... Eu lendo para poder aplicar com criança de 12 anos, mas aplicava lá na loucura. Passei um ano como treinador, depois fui pra biblioteca limpar os livros dos padres.

Daniel – Demitri, você fala: “eram umas pestinhas”, mas, durante as pré-entrevistas que a gente fez, a Fátima Guimarães, que é repórter lá do jornal (O Povo), disse que você é que deixava os padres do Redentorista loucos. O que era que você fazia com esses padres?

Demitri – (ri) Os padres eram gente boas, tem um inclusive que vive escrevendo no O Povo, no Diário (*do Nordeste, jornal cearense*) e sai no Canal 5, padre Breno. Esse era meio Hitler, era escroto esse padre.

Ali, no ano de 80 – a ditadura foi de 64 a 85, mas você tem acontecimentos até a década de 90, se você quiser você ainda tem até 2000, gente que continuou sendo seguido pelo SNI (*Sistema Nacional de Informação que funcionou de 1964 a 1990*), depois Abin (*Agência Brasileira de Inteligência*). Esses padres – eu não tinha essa consciência de ditadura – falavam alguma coisa. Eles falavam alguma história, falavam do Araguaia (*região do centro-oeste brasileiro, no, hoje, estado do Tocantins, onde, entre 1972 e 1974, o Brasil viveu um dos maiores e mais violentos levantes armados de sua história contemporânea*), que tinha ido o Dom José (*Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral – 1916 a 1959 – cidade cearense a 240 km de Fortaleza*) e o padre, o padre... esqueci o nome dele... tinham ido pra lá pra questão de terra e tinham apanhado, tinham sido torturados, tinham sido quase mortos. Existe ainda uma lenda que Dom José morreu envenenado pelos donos de terra, que aquela área muito conflituosa. Até hoje ainda é. Então você tinha esse contato com essa história.

A confusão talvez que a gente fazia com os padres é porque a gente era de um grupo de jovens, era o GJR, Grupo Juventude Redentorista. A gente passou a trabalhar na favela do Buraco da Gia, lá com a negada da (*avenida*) Mister Hull. Questão do lixo, questão do não sei o quê... e a gente queria brigar, queria fazer histórias e os padres ficavam meio loucos com o que a gente acabava querendo fazer. Dentro do colégio eu era até disciplinado, na frente dos

Outra reunião foi feita numa quarta-feira. No entanto, antes, Cristina e Daniel tomaram três cervejas e o encontro na casa da Cristina para juntar o material virou uma grande piada.

A reunião para a produção de pauta estava marcado para o dia 2 de novembro, terça-feira, feriado do dia de finados, às 17 horas, na casa da Cristina.





No entanto, a equipe se encontrou por volta das 3 da tarde no Picanha Grill, bar e restaurante de Fortaleza, e a pauta foi feita depois de várias horas, nos guardanapos do restaurante.

padres. Por trás... aí a história era outra e você acabava dentro da molecagem, dentro de alguns grupos. O padre Breno era o alvo mais das histórias, mas porque ele era muito chato. O padre Breno chegava na sala de aula fazia... (*Demitri bate palmas duas vezes*). Aí, tome! Aí todo mundo se levantava, pá, era soldado. Aí, bora: "Ave Maria, cheia de graça", bora: "Pai Nosso bá, bá, ba...". Aí fazia... (*Demitri bate mais duas palmas*). Aí todo mundo, pá, descia, sentava... Foi o primeiro padre que eu vi na minha vida – e hoje eu acho que ele deve ter mudado porque o homem é pós-doutor –, anti-didático que eu vi na história. Por quê? Porque hoje ele prega uma porrada de coisa. Graças a Deus ele mudou, as pessoas mudam. Ele prega uma história que naquela época não pregava, ele ensinava Moral e Cívica e Religião e não deixava a gente abrir a boca. Ele mandava a gente tirar – a carteira era aquelas de botar aqui embaixo – então ele mandava a gente botar tudo e não ficava nada, ele era a história, e ninguém falava nada, ninguém questionava, ninguém falava porra nenhum. Quando ele vinha pra cima da gente ele vinha louco. Uma vez, o Paulo Menezes, era um menino que tinha lá, tinha um problema no pescoço, aqueles troços que a gente tem que apertar aqui (*aponta para a garganta*) pra falar. Jogaram a caneta perto do Paulo Menezes e o padre viu. O padre só faltou matar o pobre do Paulo Menezes e o Paulo, querendo falar, e ele: "Fale!". E o menino: "Não, mas eu fico aqui calado".

Juliana – Mas você falou que os padres tiveram grande influência na sua vida, que

tipo de influência? Foi no jornalismo?

Demitri – A influência... mais por essa história de politização, né? Porque eles não eram confessos nessa história, mas os padres, a maior parte dos padres, eram ligados à Teologia da Libertação (*corrente da Igreja Católica que prega um discurso mais politizado sobre as questões sociais, políticas e religiosas e tem nomes significativos no Brasil, como Leonardo Boff, Frei Betto e Manfredo Oliveira*). Então as aulas do padre Dermival eram aulas, pra

"Eu tô tentando quebrar essa história do bem... O PSDB é do mal e o PT é do bem. Depois que o PT também assumiu, aí é que quebrou mesmo essa história".

aquele época, meio, assim: ele falava do Governo... A gente tava numa favela, né? E não por negócio de piedade ou coisa parecida, não. Para discutir lixo, um bando de menino véi discutindo lixo lá, certo? Então tem a influência política, tinha padre que, claro, era outra história, mas essa, falar do Araguaia e, de alguma maneira, essa ditadura que eu não peguei é, institucionalmente, nessa historinha aí... Mas eu experimento ela a conta-gotas aqui e aí a paixão também pela história da ditadura... A história da ditadura porque aí eles vão conversando, começa a ter sede de algumas coisas... Tinha um professor de OSPB (*Organização Social e Política Brasileira, matéria escolar extinta nos anos 80 do currículo*) que falava muito dessa história. Você começa a ter

contato, a influência deles é política.

Camila – Você disse que o fato de ter ganhado um manual de futebol do padre, de certa forma, contribuiu para a coluna *O Povo nos Bairros* (primeira coluna na qual Demitri escreveu no jornal *O Povo*). Eu queria saber se isso contribuiu para um jornalismo viciado?

Demitri – Não, contribuiu pro esporte, pro Povo nos Bairros, não. Quando eu fui pro *O Povo*, em 92, me chamaram pra eu ir pro esporte. Eu era aluno do terceiro semestre, que aí foi um pecado. E fui pra lá e aí já tinha um tratamento de profissional. Só que aí, vejam a história, o esporte é maravilhoso, a história do esporte é fabulosa, fazia jornalismo esportivo. Só que eu caí dentro do esquema do esporte... E o que é

que eu cobria? Eu cobria futebol de subúrbio. Eu passei o ano de 92 todo cobrindo, mas aí era legal, depois eu fui entender. Eu abestado, ô idiota... Eu ia cobrir as partidas de futebol no pueiral, no suburbão, nos campos véi de futebol, no Conjunto Palmeiras (*bairro da periferia de Fortaleza, na Zona Sul da cidade*), no Santa Fé, aqui, em todo canto da cidade a negada me mandava e eu saía cobrindo três jogos. Só que aí eu não percebia uma coisa e nem fui orientado. Lá, eu deveria tá fazendo, na verdade, era história de personagem, história de pessoas. Eu cobria o futebol de subúrbio como se cobre o Ceará e Fortaleza (*jogo*). O Ceará e Fortaleza que eu tô falando, a cobertura viciada, porque tem cobertura maravilhosa do Ceará e Fortaleza, muita aqui,

A pauta foi fechada no dia 4 de novembro com parte da turma faltando. O que não causou muitos questionamentos.

mas o que é que eu cobria? Eu cobria o jogo... Claro que a negada lá, canelau, adorava, né, ficava...

Cristina – *Se sentindo o tal.*

Demitri – ... Se sentindo o tal porque eu descrevia (*batendo na mesa como se fosse um teclado/risos da turma*): o Liverpool do Pio XII ganhou de três a zero do Barcelona da Caucaia. No primeiro tempo fulano de tal cruzou a bola, o outro cruzou a bola e caiu na cabeça de fulano de tal: um a zero. Isso é cobertura convencional, certo? Isso é cobertura convencional e, na verdade, você tinha um mundo ali, você tem um mundo, você tem um mundo de histórias ali. Aquele pessoal, no sábado e domingo, é uma efervescência. Você vê mais gente no subúrbio jogando bola do que num clássico Ceará e Fortaleza, que, aliás, tem clássico Ceará e Fortaleza que não tira a negada do joguinho aqui no subúrbio. Então era a história do caminhão... A negada, um tempo depois, começou a cavar as coisas lá, aí mandaram eu fazer a história dos times. Aí eu ia contar a história do Volkssturm do Pio XII, a história daquele famoso lá...

Ciro – *Venturoso* (time tradicional do bairro São João do Tauape/Pio XII).

Demitri – *Venturoso...* Você ia contar a historinha, mas essa era a coisa. Essa era a história que eu não consegui descobrir naquele momento, não consegui pegar.

Humberto – *Hoje você gosta bem mais de jornalismo humanista. Você, se fosse fazer esporte, com certeza faria isso, né? Sendo que essa cobertura que você fazia, fazia porque, na verdade, tinha vontade de cobrir o Fortaleza e*

Ceará? Você queria um Castelão (estádio de futebol de Fortaleza com capacidade para 75 mil torcedores) lotado?

Demitri – Não, por falta de orientação eu acho. Porque eu achava que o certo era aquilo ali, e não tô dizendo que é errado o convencional, só que não é legal, numa partida você tem 'n' possibilidades de fazer uma história, né? O Arthur (*Ferraz, jornalista do jornal O Povo e titular, aos domingos, da coluna esportiva Confidencial*), uma vez, pegou aquele jogador do Ceará que tá lá na

"(...) você tava trabalhando em cima de histórias de pessoas. Se a pessoa não tem firmeza na história dela, se ela não consegue se equilibrar nas duas pernas no que diz, é ela que vai cair por ela mesma."

Coréia (batendo na mesa como se fosse um teclado)...

Ciro – *Mota.*

Demitri – *Mota (ex-atacante do time do Ceará, que atua no futebol europeu).* Ele fez uma história com o Mota num jogo da segunda divisão do Campeonato Brasileiro, que foi muito boa. Ele tratou o Mota quase como um guerreiro. Aí, o Mota bateu, o Mota apanhou, o Mota fez gol, o Mota foi o personagem. Nelson Rodrigues (*jornalista e dramaturgo brasileiro que se consagrou também pelas suas inusitadas crônicas de futebol*), né? As histórias do Nelson. Ele pegava um personagem: o cuspe. O cuspe na partida foi a coisa principal. Agora, lógico, você enfrenta um leitor acostumado com o convencional. Quando você queria fumar muita maconha

aqui, o leitor pula lá do outro lado, claro. Ele só experimenta aquela história. Eu fui editor, depois, de esportes, dentro do cotidiano... Se começou a desenhar a historinha de mudança de alguma coisa, mas depois, a história voltou, se tem coberturas mais convencionais de texto. Talvez hoje um texto que saia do convencional e tente contar uma história e tente brincar é o da Raquel (*Chaves, jornalista do O Povo, que trabalha no núcleo de cotidiano onde o caderno de Esportes está incluído*). O resto ainda tá muito limitado no um a zero, dois a zero. Não tenta... nem toda vida você faz, mas as pessoas já botam alguma dificuldade. Se você disser assim: eu vou pro Ferroviário e Calouros do Ar. Tinha no estádio, acho que cinco pessoas. Maravilha. O que é que cinco pessoas foram fazer lá? Nessa história aí, o ponto de vista é de quem? Delas. Na minha cabeça, o ponto de vista é delas. Não é da partida.

Maria Rita – *Só mais uma pergunta que eu queria fazer sobre os padres, da sua convivência com eles, pelo ponto de vista da fé. Você recebeu uma bênção quando você (enquanto isso Demitri digita na mesa) era novo e parece que quase morreu. (Demitri ri) Eu queria saber se você acredita no poder dessa bênção?*

Demitri – Eu acredito em Deus, mas, às vezes, eu duvido dele. Mas por quê? Porque às vezes tem situações que você fica meio... Isso é meio besterol, mas às vezes você fica meio, acha esquisito. Essa história da bênção que minha mãe... Mas acredito na boa ação e na fé das pessoas. Essa história que a mamãe conta é:



Depois do fechamento da pauta com a turma, a equipe admitiu que não tinha sido muito feliz na pauta. Moral: nunca faça um pauta depois de horas de cerveja.

O alívio, no entanto, veio com o fim da entrevista. Felizmente ela correu bem e os alunos saíram satisfeitos.



Thiago Cafardo, paulista, corinthiano e jornalista do O POVO, foi o único espectador. Nas mesas de bares, Thiago cansou de ouvir a equipe de produção falando da entrevista.

eu tava pra morrer lá quando eu nasci. Era um menino fraco, vivia dando agonia. Ela dizia isso: vivia dando agonia. E um belo dia eu dei uma agonia lá e disseram: “Esse aqui já pode encomendar, vamos batizar pro abestado não morrer pagão, certo, vamos lá, vamos batizar, vamos batizar” e me levaram pra Igreja. Eu acho que a Igreja de Salette (*Paróquia N.S. Salette, no bairro Bela Vista, na Zona Oeste de Fortaleza*), fui batizado lá e, segundo a mamãe, depois dessa história, eu reagi.

Maria Rita – *Você acredita nisso? Que foi a bênção?* (risos)

Demitri – Acho que foi, acho que não tava bem na hora de eu morrer naquele instante ali. Eu fico até brincando, eu vou morrer quando eu completar 100 anos, que é dia 17 de novembro de 2066... Mas, foi a bênção ali? Pode até ter sido.

Eu acredito em Deus? Acredito, certo? Gosto da religião católica? Gosto. Estou afastado há 300 anos... A mamãe fica dizendo: “Meu filho, você era quase padre, como é que pode? E hoje você nem aí, você não vai mais nem pra missa”. Eu digo: “Mamãe, mas a senhora não sabe como eu vivo essa igreja, dentro do jornalismo”, não é desculpa não, mas é. Porque assim, a história lá de você fazer matéria dentro de algumas circunstâncias é uma igreja que se pregava na Teologia da Libertação, sem panfletarismo, certo? De você estar brigando, sei lá, dando voz, toda aquela história lá que você estuda na Comunicação Comunitária, que você vivia mais ou menos essa igreja, você vivia nesse mundo. Acredito em Deus? Acredito, acredito na história.

Agora, não sou daquele, não sou mais daquele de carolar, não tenho mais o tesão, não vou mais na missa... Porque o espetáculo da missa, pela manifestação teatral da missa, adoro a manifestação teatral da missa, adoro a transfiguração, então, eu adoro aquela história lá. Quando eu era pequeno, a mamãe era de botar a gente no catecismo. Às vezes, eu ia pra missa pra ficar olhando as meninas, pra ficar olhando brecha, pra ficar olhando. Acreditar em graça, acho que sim, acho que existe, mas carolar, carolar, eu não

“Por que não tinha dinheiro? É, mas ele tinha, ganhava, gastava... Era mais coisa de sistematização desse dinheiro, irresponsabilidade. E a pobre da mamãe é que sofria.”

tenho mais a... E passei pelo Shalom (*Comunidade Shalom, uma comunidade religiosa que dá apoio e encorajamento à busca espiritual dos que procuram espaço para crescer espiritualmente e progredir judaicamente*) e as histórias da renovação (*um movimento eclesial da Igreja Católica Apostólica Romana que busca uma crescente consciência a respeito da presença e ação do Espírito Santo na vida dos fiéis, propiciando a seus membros uma constante e significativa renovação espiritual*).

Marcos – *Demitri, como é que era sua relação dentro da Polícia Militar? A sua hora indisciplinada com o ato de extrema disciplina da Polícia, como é que você conseguiu conviver com isso?*

Demitri – Oh, eu tive que entrar na polícia porque meu

pai foi embora, foi embora e tinha que trabalhar. A Nukácia foi trabalhar numa história, eu fui noutra, o Breno tava por ali. Foi o primeiro concurso que apareceu, na verdade, foi isso. Fiz pra escola de oficiais e não passei e achava que não tinha passado... Disseram que eu não tinha passado na escola de sargento, aí houve um erro lá e refizeram o erro e eu tinha passado. Quando eu recebi a notícia eu não disse pra mamãe, mais uma vez a história da Unifor, que eu não queria ir pra polícia porque eu tinha terminado o básico da Comunicação, então tava vivendo aquele momento maravilhoso do básico (*ciclo básico, os dois primeiros semestres de cada faculdade*), né, tinha participado da invasão da sala do ASI, que era a sala que tinha o negócio do SNI lá na Reitoria (*da UFC*). Tinha lá a vida de todo mundo,

então aquilo pra mim era maravilhoso. Os estudantes foram encaminhados para a Polícia Federal, então eu queria ser o revolucionário, aquelas histórias de estudante, né? Eu queria ser era preso, levar uma porrada... Então tinha aquela história do estudante. E quando eu terminei o básico, aí veio a notícia de que eu tinha passado na Polícia. Não disse à mamãe, depois me arrependi, disse: “Mamãe, eu passei na Polícia, mas eu não quero ir”. Aí ela: “Mas, vá, que a gente tá precisando”. Fui. Fui pra lá. Era um choque grande porque eu não tinha nada a ver com Militar. No primeiro dia que eu entrei na escola, no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praça, que é a escola de sargentos, que era na (*avenida*) Mister Hull, vivi um ano ali, quando

Dois vasilhas com amendoim passaram três horas na mesa sem que ninguém se atrevesse a comer uma sequer. No fim, Ciro e Thiago “voaram” em cima dos amendoins.

eu botei o pé, eu disse: “O meu objetivo aqui é sair”. Não sei quando, mas eu vou sair. Certo? Era um choque, eu era civil. O mundo lá era diferente, de grito, o meu pai morria de raiva de militares, odiava militares. Tinha servido no Exército, mas odiava os militares, então, eu tinha essa influência dele, que não gostava de militares, mas tinha que me submeter àquela história lá. “Sim, senhor”; “não, senhor”. De fazer a barba todo dia, de tirar o bigode todo dia, tinha um bigode horrível, de tirar o bigode todo dia. E a história lá, pra eu sobreviver dentro da Polícia Militar, eu encarava como, assim, eu tenho que ganhar alguma coisa e daqui a pouco eu saio dessa história aqui, certo? E, aí, era estudante, como eu era estudante de Comunicação ainda era inchado dentro da Polícia, né? “Ih, o cara é estudante de jornalismo”, ficava na frescura. Isso, entre os amigos, era legal, entre os oficiais, entre o pessoal, era muito chato. Porque, na época, você não tinha muito essa história, então, não queria saber se você era estudante de Comunicação, não importava essa historinha aí, e a partir desse momento, eu vou conhecer o outro lado da história, que é o outro lado dessa polícia escrota que tem aí...

Camila – *Você questionava as coisas que você via erradas?*

Demitri – A gente questionava entre os alunos, mas isso era uma coisa muito difícil porque você não tem... Ali é regra, não tinha por onde correr. Fui questionar mais depois que você se forma, né? A gente discutia, falava com algum sargento, mas os oficiais não permitiam a abertura de

diálogo, de discussão, de jeito nenhum. Quando você passa, pronto, então você tem mais autonomia. Quando eu me tornei sargento, eu voltei a fazer o concurso pra escola de oficiais. Na época, na Polícia, os concursos eram feitos pela própria Polícia Militar. Então, eles detinham o poder sobre os gabaritos, sobre a confecção das provas. E muita gente recebia o gabarito pra fazer a prova, lá no Castelão (*Estádio Plácido Aderaldo Castelo*). Eu tinha estudado o ano todo porque eu fiquei pensando: “Eu vou sair. Agora, já que eu

“Eu ia cobrir as partidas de futebol no pueiral, (...) Só que aí eu não percebia uma coisa e nem fui orientado. Lá, eu deveria tá fazendo, na verdade, era história de personagem, história de pessoas.”

tô aqui e não sei quando é que eu vou sair, eu vou ser oficial da polícia, vou ser oficial, vou estudar”. Passei um ano estudando. Tinha um amigo, que era irmão de um aluno da escola de oficial, disse: “Rapaz, não estuda não que a gente vai receber o gabarito, a gente vai fazer a inscrição no mesmo dia”. Eu digo: “Tá, tudo bem, tá legal”. Mas eu continuei estudando. E no dia da inscrição esse cara fez outro esquema lá e levou (*o gabarito*). Depois ele veio, eu disse: “Não, rapaz, eu tô estudando e tal, na boa, não tem problema não, tu faz as tuas histórias aí”. Tinha um grupo no quartel que estava estudando.

Resultado: a gente passou nos classificáveis, eram os dez primeiros mais ou menos desse grupo que tava estudando, certo? Da minha turma da es-

cola de sargento, passaram dez, passaram dez entre os classificados, oito passaram porque receberam o gabarito ou a prova, dois passaram porque estudaram, eram CDFs. Dois. Agora oito receberam o gabarito, tá? Isso gerou uma revolta entre um grupo de cinco sargentos, que éramos eu, o Filho, o Bezair, Bezanildo e o Dinael. E a gente não admitiu aquela história lá. Eu disse: “Rapaz, vamos fazer o seguinte, vamos na casa do Governador”, que era o Tasso (*Jereissati, atualmente senador pelo PSDB-CE*). Outra doídice, né? E o Bezair tava de plantão no dia, numa vitória, aqui do batalhão. A gente pegou, deixou soldados numa praça, se meteram dentro do Chevete (*automóvel Chevete Chevrolet*) e foi pra casa do Tasso lá nas Dunas. Doidos, loucos. Os cinco fardados. Chegou lá, parou a viatura.

A gente tinha ciência do que tava fazendo. Fui lá e quis ser recebido pelo Tasso e quem tava lá era o Evanildo (*Luiz Evanildo Lopes Gomes*), capitão Evanildo, um chato! Eu acho que hoje ele é coronel, idiota! Aí ele barrou, ele era o segurança do Tasso. Ele disse: “Oh, o que é que vocês querem aqui?”. Disse: “A gente quer conversar com o Governador”. “Por quê? Vocês não podem conversar, tem autorização?”. “Não tem autorização, não, a gente vai conversar com ele”. Aí, ele disse: “Não, não vão”. “Vamos sim, a gente só vai sair daqui se o Governador receber a gente”. “Mas o que vocês querem?”. “A gente quer denunciar aqui que pessoas passaram no concurso de oficiais da polícia porque receberam o gabarito e a gente que estudou, tá nos



Depois da entrevista, os pinguços não agüentaram de sede e foram para o bar e restaurante Picanha do Miguel, na Cidade 2000, tomar uma “gela” com o professor Ronaldo Salgado.

Acompanharam Ronaldo: Daniel, Paulo, Cristina, Tarciana, Ciro e Thiago. Os boêmios derrubaram mais de um engradado em plena terça-feira.



A comemoração da entrevista doeu nos bolsos: 103 reais por um quilo de maminha, um engradado, duas carteiras de cigarro e uma porção de coração de frango.

classificáveis, não vai entrar, isso não pode”.

Ficou aquela confusão, o cara disse que não ia atender. Aí ele terminou dizendo: “Oh, eu sou capitão, sou o chefe de segurança aqui, vocês estão quebrando a disciplina, a hierarquia, e vão pros quartéis de vocês, depois vocês vão ser chamados no Comando (Militar)”. Aí, a gente deu meia volta, entrou na viatura e foi embora. Foi chamado no Comando. O sub-comandante, coronel Viana, chamou a gente lá, a gente pensou que ia levar uma trozoba desse tamanho. A gente realmente ia levar uma peia bem grande, só que quando chegou lá a gente falou da história. “Mas como é que vocês provam?”. “Sim, a gente viu, a gente tá lá, tem a relação das pessoas que fizeram, filho de coronel, filho de não sei o quê, bá, bá, bá”. E aí ele disse: “Olhe, vamos fazer o seguinte: vão embora, espere a classificação de vocês. O que não se pode provar, não se deve falar e tá encerrado o papo”. Pronto, acabou, a partir daí ficou mais perto de eu sair da história (da Polícia).

Daniel – Nesse caso você foi transferido?

Demitri – Fui para Juazeiro (Juazeiro do Norte, cidade situada na Região do Cariri a 600 km de Fortaleza, ao sul do Ceará).

Daniel – Lá você assumiu um cargo burocrático, que era mexer com dinheiro da delegacia...

Demitri – Não, não, o burocrático foi aqui, no QCG (Quartel do Comando Geral da Polícia Militar). Eu fui lá para o quartel, aí trabalhei na cidade, trabalhei no presídio e nessas coisas lá.

Karine – Demitri, muito do que você viveu na PM influenciou no jornalismo, inclusive, é até senso comum dentro da categoria dizer que você mudou a forma como os jornais fazem a cobertura policial aqui no Ceará. Eu queria saber o que é que você pensa sobre isso.

Demitri – É exagero da negada. Eu tive uma escola boa que foi o jornal O Povo, certo? A negada que hoje é da Polícia Militar, alguns coronéis, por exemplo, o coronel Gondim (Francisco Horácio Marques Gondim, tenente-coronel da

“(...) você enfrenta um leitor acostumado com o convencional. Quando você queria fumar muita maconha aqui, o leitor pula lá do outro lado, claro. Ele só experimenta aquela história.”

PM), quando eu o entrevistei com o Luiz Henrique (Campos, jornalista e repórter especial do jornal O Povo), uma das coisas que ele disse lá foi que as pessoas disseram pra ele que não desse entrevista pra mim, não concedesse a entrevista porque eu era um cara revoltado com a Polícia Militar, eu não gostava da Polícia Militar e por isso queria sempre bater na polícia militar, destruir a Polícia Militar... Que tinha alguma frustração porque não fui oficial. Só que isso é muita maconha que a negada fuma lá dentro, né? Eu não tenho nada contra a Polícia Militar, ela me deu foi uma experiência muito boa. Certo? E fiz amigos caros lá dentro, muitos, só que a Polícia Militar é cheia de bandidos, mas cheia, mas cheia de bandidos, e aí vai do soldado ao coronel.

Como eu conhecia a polícia militar, como eu tinha vivido aquelas histórias lá e como eu peguei uma história boa de jornalismo que foi o jornal O Povo e peguei uma época, por exemplo, o Luís-Sergio Santos (jornalista e ex-editor-executivo do jornal O Povo), na época do Dossiê das Torturas, eu não tava no jornal, no Povo ainda, mas eu acompanhava alguma coisa. Ele tirou a cobertura das torturas da editoria de polícia, na época era editoria de Polícia, e transferiu para editoria de Cidades. Quem fez foi a Artumira Dutra (jornalista do jornal O Povo). Ele mudou aqui (Demitri aponta na mesa como se mostrasse uma linha cronológica), tem a primeira mudança da cobertura policial aqui, com o Luís-Sérgio. Quando ele muda isso... Porque daqui pra trás, esse jornalismo é muito viciado, certo? Demais. Ele continua ainda hoje? Muito, muito na factualidade, né? Mas aqui ele ainda era mais. Então ele tirou isso exatamente pra tornar isenta a cobertura.

Quando eu cheguei no jornal O Povo, eu peguei de cara o Caso França (série de matérias que denunciou, em 1997, o esquema de corrupção das polícias no Ceará. Foi por esse caso que Demitri recebeu seu primeiro prêmio Esso – um dos prêmios de jornalismo mais respeitado no País). Eu e mais outros colegas, a Fátima Sudário (jornalista e editora-chefe do O Povo), a Ariadne Araújo (jornalista e ex-repórter especial do O Povo), Edvaldo Filho (jornalista e na época do Caso França era o editor da editoria de Política), Cláudio Ribeiro (jornalista e repórter-especial do O Povo) e uma

Tarciana surpreendeu no dia da entrevista de Demitri. Antes mesmo de acompanhar a farra até o final, ela disse que estava apaixonada por dois entrevistados da Revista: Demitri e Chico do Caranguejo.

porrada de gente. Giovana de Paula (*jornalista*), Sílvia Bessa (*jornalista e repórter do O Povo*), tinha uma porrada de gente lá, aliás, tem a Patrícia (*Karam, jornalista e repórter do O Povo*) e por aí vai. A gente pegou o Caso França. Quem começou o Caso França... O Edvaldo pegou um depoimento do França e a partir daí se começou a história. Como a gente tinha mais conhecimento dessa área, a coisa ficou muito em cima da gente. Ficou em cima minha, do Edvaldo, do Cláudio, ficava nessa história. E eu gostava da área policial, do jornalismo policial, aliás, eu só não gosto do jornalismo econômico, mas o resto... Certo? Eu gostava da área policial, aí você vinha, você tinha como chegar mais perto de uma cobertura mais sistemática, mais organizada, mais orgânica, a partir dessas histórias. A Polícia Militar me dá, sim, o conhecimento de dentro para ver o que se tinha. Vícios, o que acontecia, onde é, com quem se falava, como é que é e como se procedia, né? Como é que se procedia essas histórias aí e... Tinha sido policial, então também tinha vivido outras história lá de ir atrás de histórias.

E acabo influenciando isso e aí essa turma do Caso França, essa turminha todinha muda a relação com os babacas dos delegados. Porque aí tem um delegado, tem um único delegado, o Ronaldo de Melo Bastos, certo, esse cabra vocês podem confiar nele, sem nenhum problema, no restante... Na maior parte, mas não tem perigo de vocês confiarem, certo? E num pouquinho vocês ficam ali, em cima do muro, pra ter cuidado. Então essa relação mudou, o jornal começou a mudar alguma coi-

sa, o jornal acabou com a editoria de Polícia, o jornal acabou com isso e botou a cobertura policial dentro da cobertura de Cidades, porque entendeu que a polícia está dentro do cotidiano da cidade. Tentou humanizar essa cobertura, certo? Agora ainda peca, ainda vai pecar. E comigo na chefia. Peca na factualidade, a gente não consegue, factualidade é escrota demais, você não consegue se movimentar, sair desse rame-rame. Porque é humanamente impossível e aí os jornais têm que parar pra pensar nessa historinha. É hu-

“Quando eu era pequeno, a mamãe era de botar a gente no catecismo. Às vezes, eu ia pra missa pra ficar olhando as meninas, pra ficar olhando brecha, pra ficar olhando.”

manamente impossível e não fui eu, como editor, que conseguiu mudar. É humanamente impossível você ter dois repórteres policiais. Não era nem pra se ter a pecha de repórter policial, mas dois repórteres policiais fazendo cada um 6, 7 matérias... Não dá. A gente pega uma pauta fica louco. Não dá.

Qual é a solução? Não é uma editoria de Polícia, mas é um núcleo reforçado com pelo menos cinco repórteres voltado para a cobertura policial. Aí, sim, eu vou eleger caso do dia e eu vou inclusive esquecer o leitor. Vai esquecer a história do leitor. Porque o leitor dessa área aqui, ele quer o pirangal mesmo, mas você vai ter que trabalhar aqui pra dar isso aqui pra ele (*batendo na mesa como se mostrasse os tipos de maté-*

rias que o leitor gosta). Trabalhar de outra maneira, você até dá o pirangal, dá o rame-rame, em breves, em matérias pequenas, mas você vai escolher fatos do dia para trabalhar, se não for assim, não dá. Só que você concorre com as televisões e com o rádio e concorre com o Diário do Nordeste (*principal concorrente do jornal O Povo, no Ceará*), que faz a coisa contrária, que faz o oficial. Aí a briga é feia, que tem o assessor da Superintendência (*da Polícia Militar*) trabalhando dentro da editoria de Polícia, não dá. Por quê? Porque os delegados há muito tempo estão acostumados, se acostumaram, a estar aparecendo como o artista, no jornal, com o troféu, o bandido. Tá aqui, pá, a foto, a história dele é essa. Certo? Quem fez isso? Foram os jornais, foi a imprensa. E pra se mudar isso aí... Por isso que eles têm raiva do jornal e é ótimo que eles tenham (*Demitri continua se fazendo que está digitando na mesa*).

Cristina – *Você passou cinco anos na PM, por necessidade, vamos dizer assim. Mas, você concorda que foi a sua vida na PM que deu uma guinada na sua vida jornalística? O instinto de ficar investigando? Você faz essa associação?*

Demitri – Cris, eu, eu, eu...

Cristina – Não?

Demitri – Eu não tinha parado...

Cristina – *Por isso que eu tô perguntando porque eu, vendo a sua história de vida... você na PM, investigar... Enfim.*

Demitri – Eu não tinha parado, nunca parei para pensar nessa história aí não. Não sei se a polícia é a minha guinada de vida...



Tarciana disse que queria fazer um sanduíche com Demitri e Chico do Caranguejo. E é porque ele não tinha tomado nenhuma cerveja ainda. Estava só a caminho. Imaginem.

Mas a farra-comemoração da entrevista terminou bem, sem confusão, todo mundo muito satisfeito e alegre, apesar de o professor não ter feito muitos comentários sobre a entrevista na mesa de bar.



Há uma particularidade interessante: muitos dos alunos que participaram da entrevista já conheciam Demitri pessoalmente em função dos estágios realizados na redação do jornal O Povo.

Cristina – *Pelo fato de você correr atrás da polícia e ter matérias e matérias...*

Demitri – A polícia também tem assim... O cotidiano da cidade está muito ligado a ela, certo? Talvez a história do jornalismo esteja ligado à história dos cotidianos dessas cidades. A polícia, eu trabalhei em presídio, trabalhei não sei aonde... Talvez a história de ter que enfrentar algumas situações, isso tenha contribuído, agora, a gente quase que tem um orgasmo quando a gente tá numa grande cobertura, não é? Você quer tá no meio de uma rebelião, mesmo que você corra risco de vida, mas você quer estar no meio da rebelião. É meio louca a cabeça do jornalista de querer tá no local onde você pode levar um tiro e morrer, mas você quer estar lá, na polícia você é obrigado a estar. Eu nunca enfrentei uma situação assim, só quando ia pra policiamento no Antônio Bezerra (*bairro de Fortaleza que registra grande incidência de crimes*) com revólver sem nenhum cartucho dentro porque o Estado não tinha cartucho. Agora, o contato com 30 mil problemas dentro da Polícia Militar... Quando chega no jornalismo, eu não estranho, eu não acho ruim. Eu acho bom, eu queria fazer um curso no IML, mas não tenho coragem ainda, mas acho, essa convivência com a Polícia, com essas histórias lá de dentro pode ter ajudado, mas a história é muito misturada, é muito liquidificador.

Daniel – *Você casou com a Virgínia quando você era policial?*

Demitri – (*teclando na mesa*) Casei com a Virgínia em 90, eu já era policial.

Karine – *Demitri, na Tribuna (Tribuna do Ceará, jornal cearense extinto na década de 90), você trabalhou muito tempo lá, inclusive, vários repórteres foram para O Povo. Eu queria saber como é que foi essa experiência lá na Tribuna.*

Demitri – A Tribuna, eu fui pra lá, eu fui como estudante, num estágio de editoria de Polícia. Eu tinha matérias como estelionato, que eu não entendia nada, cheguei lá e o cara falou e eu não entendi porra nenhuma e também nem perguntei. “Sim, mas me explique”. Fui para a redação

“No primeiro dia que eu entrei na escola, no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praça, que é a escola de sargentos, (...), vivi um ano ali, quando eu botei o pé, eu disse: “O meu objetivo aqui é sair”.

quase chorando. E aí, depois eu saio de lá, entro no jornal O Povo. Depois sou demitido do jornal O Povo em 93, fiquei desempregado por um tempo, fui da campanha do Juraci (*Magalhães, ex-prefeito*), como estudante. E depois o Carlos Ely me chama lá pra ser repórter de Cidades. Nessa época aí, eu tô meio baqueado porque eu fui demitido do jornal, aí tô me achando meio “já vi que não dá, que não vou dá pra esse negócio aqui”. Acho que 93, aí é a época dessa cadeira aqui (*referindo-se à cadeira de Laboratório de Jornalismo Impresso, na qual a Revista Entrevista é produzida*), que eu acho que são 11 anos, 10 anos, e depois da entrevista do bichinho lá...

Cristina – *Moreira Campos?*

Demitri – *Moreira Campos (escritor cearense nasci-*

do em 1914, em Senador Pompeu, autor de Vidas Marginais, Portas Fechadas, As Vozes do Morte, dentre outros. Famoso por suas crônicas, Campos faleceu em 1994 e foi entrevistado pela Revista Entrevista, quando Demitri fazia a cadeira de Laboratório de Jornalismo Impresso, em 1992), aí, muda um pouquinho a minha cabeça. Aí me chama pra lá, nesse período. Eu vou ser repórter de Cidades e pego uma turma muito boa lá, certo, uma turma muito boa na Tribuna e começo lá. O jornal O Povo hoje tem dificuldade, o pessoal que tá lá sabe, o jornal O Povo tem dificuldade... (Na Tribuna) tinha que improvisar. Aí, na cabeça da gente, a gente era repórter da Tribuna, um jornalzinho pequeno, a gente queria furar O Povo. As doídices, né? O destino da gente, além de brincar, mas você queria ver O Povo furado, esse complexo de viralata que é uma idiotice.

Daniel – *Isso porque o Diário não tinha toda expressividade que tem hoje?*

Demitri – Sim, mas o Diário, ele nunca foi assim. Nesse período que eu vivi, o Diário... Ele foi antigamente, mas nesse período que eu vou pras redações, o Diário não tinha... O poder de fogo dele já tinha acabado, a redação já tinha se burocratizado. Ele não manifestava reação. Parecia que não tinha ninguém vivo dentro do Diário e na Tribuna a negada tava viva. A negada tava querendo fazer matéria, você pegava um repórter e o repórter escrevia uma página por dia (*batendo os dedos na mesa como se estivesse digitando*). Chegava oito horas da noite e saía meia noite. A negada “bora, bora que a

Resultado: dos 12 alunos que participaram da entrevista, sete tiraram nota 10,0 na avaliação do professor para o texto de perfil do entrevistado. O publicado na revista foi escolha da Produção.

gente tá precisando...” Você ficava lá, então tinha uma vibração, tinha uma história, você queria furar. Nessa época aí a agente vai pegar o caso do Ivanildo, que é um cabra que foi morto, torturado e morto na Polícia Federal. Foi bom demais, não a morte do cara, nem a tortura, mas a história era boa demais. A gente foi pra cima da Polícia Federal com gosto de gás. Aquilo dava prazer porque você tinha que botar aquele pessoal que estava em cargos públicos... Você tinha que expor esse pessoal, tinha que expurgar a merda que tinha lá dentro, né? Então isso me deixava louco e a Tribuna começou a aparecer.

O pessoal dos Diretos Humanos, foi aí que eu conheci o Mário Mamede (*secretário adjunto da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos*), o João Alfredo (*deputado federal e ex-presidente da Comissão de Direitos Humanos na Assembleia Legislativa do Ceará*), o Arimá Rocha (*advogado de forte identificação com a luta de direitos humanos no Ceará*) ... foi nessa época que eu comecei a me meter com o pessoal dos Direitos Humanos. E aí nessa época aqui é que você começa a brigar pelas histórias. A redação era uma redação mais moleca do que a redação do jornal O Povo. A negada vaia, você chega lá bate palma, aparece uma menina bonita, fresca, alguém vai anunciar alguma coisa, leva uma vaia antes, isso aí você sabe como você é aceito a partir da vaia que você leva. Dentro do jornal é meio assim. Se você nunca levou uma vaia você tem que levar porque senão você... Você tem que entrar na historinha. Na

Tribuna, a negada jogava bola dentro da redação, bola de papel, louco... Fazia hora com o pessoal contínuo. Então tinha um clima muito legal dentro da redação e aí mais uma vez aquele espírito do Jornalismo Romântico... Eu achava que tava lá... (*faz um som como se quisesse dizer “estava lá achando o máximo” e depois bate com os dedos na mesa*).

Juliana – *Você teve alguma censura na Tribuna do Ceará?*

Demitri – Na Tribuna tinha muita censura, viu? Tinha uma abertura relativa, boa,

“E fiz amigos caros lá dentro, muitos, só que a Polícia Militar é cheia de bandidos, mas cheia, mas cheia de bandidos, e aí vai do soldado ao coronel.”

mas tinha porque o senador (*José Afonso*) Sancho era o dono do jornal e tinha coisa que era intocável lá dentro. A própria cobertura do Caso Ivanildo chegou uma época... Eu gosto desse Jornalismo é... é... alfinetado... à conta-gotas, que você vai minando o cara que está lá do outro lado todo dia (*Demitri bate com os dedos na mesa enquanto raciocina*). Ele pode até ser a parede, mas uma hora ele abre pra falar ou pra fazer alguma coisa. Aí a cobertura da Polícia Federal era picada, era tum tum tum tum tum todo dia, todo dia nem que não tivesse matéria... Vamos requestrar alguma coisa, mas vamos procurar alguma história pra requestrar isso aqui. Família e fica nessa história. Chego um dia lá que... Foi até o Chico Alves (*ex-editor da Tribuna*

do Ceará e diretor de jornalismo da TV Cidade) disse (*imitando a voz do Chico*): “Demitri, é o seguinte, esse Ivanildo num já morreu? (*risos da turma*) Pois ele tá no céu, no inferno, eu não quero mais ouvir falar nele na Tribuna do Ceará, porra”. Encerrou-se o caso, mas a gente já tinha dado muita coisa, já tinha dado muita história. Depois a gente voltou ainda assim, meio... Mas tinha muita coisa que não era permitida porque o senador não permitia, ele era linha dura.

Tarciana – *Demitri, as suas matérias são sempre com suítes, você sempre está esperando o outro dia. Qual o seu objetivo com isso, a importância que você vê nisso?*

Demitri – Primeiro tem a história, sem nenhuma frescura, do idealismo. Eu gosto de histórias, certo? E por mim eu tiro o leitor. Pode até ser uma avaliação errada, mas eu gosto de me alimentar, quando leio matérias, de histórias diárias. Eu gosto de novelas jornalísticas. Eu gosto dessa história. Ainda mais porque eu acho que essa estratégia é uma estratégia... Se você quer influenciar, quer modificar alguma coisa, isso aqui (*série de reportagens*) pesa mais, certo? Diferente de você soltar uma matéria. Soltou, pá. A Procuradoria pode até pegar o caso, processar o fulano de tal... Mas é diferente você seriar porque você incomoda mais. A série, na minha cabeça, tem essa função de incomodar mais. E outra coisa: quando você vai pra matéria, senta (*Demitri toca os dedos na mesa, como se estivesse digitando*)... Pra fazer a matéria, sobra muita coisa. E quando você escuta uma pes-



Isso não impede que os leitores conheçam particularidades do entrevistado sob o ponto de vista dos entrevistadores, o que o professor teve privilégio de ler nos perfis individuais que cada aluno fez.

Por exemplo, Humberto diz que “assim é Demitri, ou Túlio, ou mesmo Demitri Túlio. Que faz de tudo uma pauta, ou de qualquer coisa uma piada”.



Já Maria Rita afirma: "O sucesso profissional parece montê-lo emocionalmente no lugar, já que a vida não se cansa de colocá-lo sempre à prova das realizações humanas".

soa têm outros desdobramentos, certo? E desdobramento é maravilhoso, você tem que desdobrar a matéria. A matéria que morre cedo... Tá, ela tem a função, mas é bom que ela não morra. Claro, cansa, tem horas que cansa, mas não tem limite. Vamos botar quinze matérias (ri) – aí o jornal não agüenta –, mas uma semana de matérias você tem, você alimenta, você conta uma história, você bota aqui, você vai tentando, aí caiu num secretário, mudou. Tinha o Caso França, tinha matéria tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum (Demitri bate com a mão na mesa a cada "tum" pronunciado)... De alguma maneira tinha que fazer alguma coisa. Tem alguns méritos dele (do governador Tasso Jereissati, em 1997, época do Caso França)? Tem. Ele quebrou a estrutura da Secretária de Segurança, tirou o status de secretário (do titular) da Polícia Civil e do comandante da Polícia Militar e fez uma Secretaria só. Quis tornar isso um comando único. Alguns delegados, um ou dois, foram pra fora, não foi o suficiente. Como tinham delegados grandes aí, não foram pra fora, foram condenados e a Justiça, que é ruim, e o Ministério Público, que agiu ruim também nesse caso, agiu muito ruim, não investigou, aí os caras se livraram.

Vamos só pegar uma coisa, só um exemplo... Vocês não sabem da história, mas eu vou bem rápido. O França denunciou a história porque ele vivia a bandidagem, porque estava lá, porque ele cheirava cocaína, porque ele vendia cocaína, porque ele extorquia, porque ele roubava carros, porque ele matava junto com

a negada que estava lá. Vamos pegar alguns personagens. O Geovane Cesarino (o ex-advogado Geovane Cesarino Correia, de 44 anos, condenado a cinco anos de prisão por tráfico de drogas) passou, depois, não sei quantos anos preso no IPPS por tráfico de cocaína. Ele tava mentindo? Não. O advogado, esqueci o nome dele, foi preso e depois foi assassinado por grupos. Ele tava mentindo? Tava não. O outro comissário, o João Duarte, depois caiu também por tráfico de cocaína. Então tem várias pessoas no meio dessa

"(...) factualidade é escrota demais, você não consegue se movimentar, sair desse rame-rame. É humanamente impossível e aí os jornais têm que parar pra pensar nessa história."

história, só que o que foi pegue aqui foi pequeno, a negada grande não foi, porque o Ministério Público trabalhou mal e o Judiciário. Em alguns pontos, o Ministério Público foi bom e em outros foi ruim para deixar muitas pessoas fugirem da história.

Então, a função da matéria, você ter todo dia, você abrir esse jornal e tá lá dizendo que o delegado tal, o fulano de tal, o prefeito tal tá no meio dessa história, incomoda. Você vai balançar a roseira e ele vai abrir. Vai ter uma hora que a história vai ter um sentido. Porque não adianta a gente ir pra redação só pra cumprir pauta. E vou, faço matéria, tá tudo bem, ótimo, maravilhoso, mas em qualquer editoria.

Marcos – Demitri, você conseguiu colocar esse seu jeito dentro da redação do jor-

nal *O Povo*, de fazer matérias mais elaboradas? Você conseguiu passar isso para as pessoas, os jornalistas?

Demitri – Olha, essa cultura aí não é uma cultura que foi posta por mim, não. Isso é cultura de um grupo, que tem a Ana Márcia Diógenes (ex-diretora de redação do jornal *O Povo* e atual gerente de comunicação do Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef – no Ceará), a Fátima Sudário (editora-chefe do *O Povo*), o Carlos Ely (editor executivo do *O Povo*), o Arlen Medina (diretor de redação do *O Povo*), gente que passou pela chefia. E gente que gostava desse tipo de jornalismo. A cultura da matéria seriada e que já existia em outras épocas no jornal (*O Povo*) não é de agora. "Ah! O leitor vai cansar com duas semanas de matéria". Mas se a matéria for boa, não cansa. E aí é a história

de você cobrir, é a história do repórter chegar pro editor pra dizer, pra defender, "rapaz é aqui ó, eu tenho isso, isso, isso, isso (bate com a mão na mesa a cada "isso" pronunciado), vai acontecer isso, isso, isso, vamos lá". O problema é que, às vezes, dentro da redação a gente não vai pra cima. Não tô dizendo que você vai brigar com o editor, nem matar, nem pular no pescoço dele, mas não vai.

Quando eu era do Esporte eu nem falava. Os meninos lá diziam "Luís Pedro (ex-editor de Esportes do jornal *O Povo*, primeira editoria em que Demitri trabalhou, ainda como estagiário), rapaz, vamos fazer uma série sobre o subúrbio. Eu vou dentro do caminhão, em cima do caminhão, comendo a feijoada da negada, deixa eu descrever

Tarciana prefere vê-lo assim: "Sem se separar da necessidade de digitar, ele traz consigo uma máquina de escrever imaginária e tec-tec-tec, tome a datilografar na mesa e contar *causos* da vida dele e da cidade".

essa história aqui. Não o exótico, mas a história. Deixa eu descrever isso aqui". Mas eu nem falava. O defeito da gente é que a gente não fala. Tem esse outro detalhe: o jornal não é fonte de pesquisa? A gente vai fazer jornal aqui. Todo mundo aqui, nem que não queira, fez em algum momento essa história imediata dos cotidianos. Não adianta, fez. Quem passou por estágio na redação, passou uma semana, assinou uma matéria ou nem assinou, fez essa história imediata aqui. Isso aqui vai, quando for 2060, tá lá. Então, o pesquisador que vive malhando o jornal, os sociólogos, os psicólogos, esses babacas vivem malhando os jornalistas. *(dias depois da entrevista de Demitri, a professora Glória Diógenes refletiu sobre essa questão, provocada por um dos entrevistadores. Leia a entrevista dela nesta edição).*

"Ah, são superficiais, é uma superficialidade, é a parábola do golfinho *(faz o movimento de parábola com a mão direita e acompanha com a voz irônica)*. O jornalista não consegue sair da superfície. Nós, sociólogos, psicólogos, vamos à profundidade da história". São coisas diferentes. Esse material fica pra História, é arquivo. Aí você tem que encarar. Até na hora de errar você tem que ter medo porque se for erro vai ficar pra História. Se a negada não for lá na coluna de Erramos, fudeu. Porque o cabra vai pensar que aquela história é aquilo ali, você dá outro rumo à História. E a responsabilidade da gente? A negada vem beber no jornal *(fala com voz de deboche)*. Tô falando de jornal, um jornal, qualquer jornal do mundo. A negada vem beber no jornal,

não adianta, não adianta. Quem faz a história imediata são os jornalistas, sim. Quem vai contar a História são eles, sim. O sociólogo, o historiador e o psicólogo vão misturar as teorias e vão fazer a historinha deles lá, mas quem conta essa história dos cotidianos é o jornalista, sim *(bate três vezes na mesa)*.

Maria Rita – *Você passou por várias editorias (Cidades, Vida e Arte), isso foi uma trajetória natural ou você estava querendo se testar ou descobrir algo?*

Demitri – Essa passagem

"(...) a redação já tinha se burocratizado. Ele não manifestava reação. Parecia que não tinha ninguém vivo dentro do Diário e na Tribuna a negadatava viva".

pelos editorias foi uma passagem natural. Eu não tinha pretensão de ser editor, eu não sabia nem o que era ser editor. Em 93, 92 *(época em que estava na editoria de Esporte)*, quando eu via as pessoas diagramando, hoje é no computador, mas quando eu via as pessoas diagramando na régua de paica, na caneta, no lápis, enrolando... Você fazia a matéria no papel aí era uma folha desse tamanho aqui *(pega a folha de papel ofício da Karine, uma estudante de Comunicação que participa da entrevista)*, pegava todas as matérias e enrolava dentro aqui, botava, aí descia lá pra baixo pra negada compor... Eu tinha o maior medo porque eu achava que não sabia desenhar uma página. Na minha cabeça, *(para)* desenhar uma página tinha que saber calcular o

número de paicas, tinha que saber qual era a fonte, tinha que saber o que era num sei o quê e bá, bá, bá. Você até tem que saber isso, você tem que saber essa história, mas lá dentro você é obrigado a aprender de uma maneira e lá tem um diagramador. "Ah, e quando acabar a figura do diagramador, como é que faz?" É outra história, aí é outra história. Eu tinha até medo "como é que eu vou conduzir. Como é que eu vou conduzir repórteres? Como é que eu vou conduzir essa história?". Eu não tinha esse... Eu nunca tive a pretensão... Eu tinha a pretensão de ser, de querer *(bate com os dedos na mesa)*, de querer contar uma grande história, de querer tá ali, apurando alguma história. A minha pretensão era essa, de ser um repórter. Eu queria ser repórter. E aí, a primeira editoria que eu peguei foi na Tribuna, de Cidades. Quando eu sentei na cadeira de editor pela primeira vez eu fiquei apavorado porque eu não sabia... A cidade tem dois milhões e meio de habitantes, a editoria de Cidades fica aqui entre seis, oito páginas. Você não consegue botar um por cento do que tem a demanda da cidade. O que você faz?

Juliana – *Demitri, no material levantado seus colegas contam que você, como editor, dá muita liberdade aos repórteres e ainda é um pouco desorganizado (Demitri ri). Você acha que atrapalha no processo de condução jornalística deles?*

Demitri – Bom... *(risos)* Desorganização atrapalha pra mim *(todos riem)*. Já era pra eu ter um arquivo maravilhoso e não tenho. Dá liberdade eu acho que não atrapalha por-



Demitri é captado pelas lentes *canetárias* de Camila de outra forma: "... sua índole é ser canelou mesmo. Desorganizado na redação, amante da bagunça com os amigos e brincalhão com os três filhos".

Ao que Paulo Júnior acrescenta: "O Demitri, magrelo, meio despenteado, não chama a sua atenção, não agrada fisicamente, mas incomoda, perturba, porque ele tem olhos vivos, mente aguçada..."



Fernando faz uma homenagem: "(...) que nos seja permitido pensar em Demitri não como um contador apenas de sua história, mas um contador de histórias de toda uma cidade".

que quando eu dou liberdade a um repórter, a um estagiário que está chegando, a um estudante, é pra que ele se vire. Me perguntaram essa semana lá no Vida e Arte (*caderno de cultura do jornal O Povo*), foi até a Ana Mary (*Cavalcante, repórter do Vida e Arte*): "Demitri, tu acha que estagiário não é pra fazer Páginas Azuis (*entrevistas publicadas às segundas-feiras no jornal O Povo*)?. Eu digo: "É pra fazer Páginas Azuis, ele é estagiário, tem que aprender a fazer Páginas Azuis". E página azul não tem nenhum mistério. Você vai tentar contar numa entrevista, de uma forma mais humanizada, ou, então, tentar quebrar o formato de uma entrevista comum e tirar alguma coisa de fulano de tal. Você trabalha com um personagem. Esse estagiário tem que acompanhar o repórter. O Daniel (*um dos estudantes a participar da entrevista, estagiário da editoria de Política do jornal O Povo*) acompanhou entrevista com quatro jornalistas, com quatro jornalistas lá. A Carol também acompanhou, a Carol...

Cristina – Quixadá.

Demitri – Quixadá, a Carol Quixadá (*estudante de Comunicação Social da UFC, que também estagiou no O Povo*) acompanhou. Quem se pôde colocar para acompanhar você colocava porque o estagiário tem que passar por isso, sim. Porque ele tem que experimentar isso e tem que errar e o editor vai lá e "não, está errado isso aqui". A liberdade eu tenho que dar. Tenho que ver o que é o repórter... Eu tenho que colocar o fulano de tal na chuva (*Demitri fala dos seis primeiros meses do ano, época da quadra invernos*

em Fortaleza) pra ver como ele vai se manifestar lá. Minimamente, eu vou conversar com ele. A negada reclamava, por exemplo, no jornal (*O Povo*), quando eu era editor que, é... Que não tinha tempo para conversar e eu acho injustiça (*todos riem*). Eu acho injustiça. Minimamente, conversa, na hora da pauta, eu tinha. Minimamente. Quando se voltava, mesmo na loucura, "e aí?"... Eu tô mentindo? (*pede a confirmação dos estudantes que foram estagiários dele. Todos riem mais uma vez*) Eu acho que não... Mas espera aí,

"E por mim eu tiro o leitor. Pode até ser uma avaliação errada, mas eu gosto de me alimentar, quando leio matérias, de histórias diárias. Eu gosto de novelas jornalísticas".

vocês querem uma mãe, um pai ou um editor? Não, porque na editoria tinham 23 pessoas. Você tem que ficar olhando tudo que está acontecendo. Tem uma coisa que é prioridade, tem uma coisa que cai, tem uma coisa que muda... Quem viveu lá na editoria de Cidades via. "E vem cá, Cristina, não, não, não, não, esquece, esquece, esquece, esquece a pauta, vamos mudar aqui, é isso aqui, vá lá". Ela vinha, trazia pra gente discutir. Tinha hora que eu dizia "hunrum, certo", ela tava falando e eu não tava sabendo nem o que ela tava dizendo (*risos*), mas tinha o controle de alguma coisa que ela tava falando lá. Tem que ter liberdade? Tem. Liberdade acompanhada. "Ah, o estagiário não é muito acompanhado". É, dentro da medida do possível

ele é acompanhado. Inclusive, ele tem que sair acompanhado pelos repórteres que estão com ele.

Tem gente que chega maduro no jornal. A maioria chega ainda muito verde e você tem que jogar a pessoa nas piores situações, em todas as situações, para que a pessoa se vire. Tem um cara... não, foi o Luis-Sérgio... Foi o Luis-Sérgio? (*Demitri se questiona*). Ele disse que a gente não é submetido a treinamento em situação de tensão. Isso já é uma coisa moderna, essa viagem de... É... É... *media training (risos)*... Essa coisa, essa viagem. Mas por um lado é pôr você diante de algumas situações pra ver como é que você vai se sair. Numa lama, a chuva lá... A turma deles (*referindo-se aos alunos que fizeram estágio no núcleo de Cotidiano no começo de 2004, como Daniel, Ciro e Cristina*), quando chegou lá foi pra chuva por dois motivos. Um: janeiro é dos piores momentos do jornal porque muita gente tira férias. Com a situação dos núcleos... Núcleo é uma história legal, núcleo é um negócio bom dentro do jornal, mas você tem que ter gente. Eu prefiro núcleo do que editoria. Mas você tem que ter gente. O núcleo de Cotidiano (*que engloba as editorias de Cidades, Ceará, Nacional, Esportes e Ciência & Saúde*) tem, atualmente, 22, mas ele deveria ter 40. Em janeiro, quando eles (*estagiários*) chegaram lá, muita gente tava de férias. Em janeiro também você não previa aquele fenômeno das chuvas porque só começa a chover mesmo em abril, só que começou a chover em janeiro com tronco, com paulada d'água. Quem

Marcos Edson vai ao encontro: "(...) Demitri acalenta com seu exemplo de jornalismo sério, rico em personagens e vida, os desejos dos estudantes de jornalismo que participaram da Entrevista de fazerem jornalismo humanizado e humanizador".

chegou para estagiar, maravilhoso, na minha cabeça, até a negada dizer “você é louco?”. Na minha cabeça a negada tinha que ir pra lá, tá no sétimo semestre, minimamente tem um norte do texto da história e foram pra chuva e responderam. Pra mim, a experiência é boa, pra quem foi eu acho que é melhor.

A desorganização, eu acho que pesa pra mim porque eu não tenho arquivo. Eu tenho um lixo dentro de casa (ri). A mulher disse: “Você tem não sei quantos jornais, você tem um lixo, porque não é sistematizado, é lixo”. Mas por quê? Porque era pra ter... Eu tenho algumas matérias, cadernos de matérias que guardei, mas era pra ter isso sistematizado. Porque imagine aí o repórter com um arquivo... É muito bom. Na época da eleição... Toda vida eu digo isso, termina a eleição... Aí ele (*referindo-se ao Daniel, um dos participantes da entrevista*) mexeu na fita (*que estava sendo gravada esta entrevista*), eu ouvi “não sei o quê, AM do Povo”, era o Nonato, né? (*Nonato Albuquerque, apresentador da AM do Povo, que, nas eleições de 2004, mediou debates na emissora com os candidatos à prefeitura de Fortaleza. – Daniel foi testar o gravador minutos antes da entrevista e deixou escapar o que estava gravado na fita em que ia gravar esta entrevista*)

Daniel – É.

Demitri – Essas fitas eu roubei umas três (ri). Mas essas fitas eram pra estarem guardadas. “Ah, não, tá na rádio”, mas daqui a pouco a gente bota por cima. É pra tá guardada pelo repórter. Sabe por quê? Porque quando chegar em 2006 você tem um material maravilhoso pra en-

trevistar. Porque em jornalismo não é assim? O que você diz hoje, no futuro você responderá por ele? Então, pronto. A entrevista aqui, inclusive, eu vou responder por ela (risos). A desorganização é mais por isso. O pessoal reclama da desorganização minha no jornal, mas anda, a editoria anda (risos).

Karine – *Uma das observações que seus colegas de profissão também fizeram foi com relação à dispersão que você tem. (Demitri ri) Você não delimita o foco, às vezes. Se apaixonou pela matéria e*

“O problema é que, às vezes, dentro da redação a gente não vai pra cima. Não tô dizendo que você vai brigar com o editor, nem matar, nem pular no pescoço dele, mas não vai”.

quer observar todas as nuances. Eu gostaria de saber quando você sabe que a matéria está pronta e que ela pode sair e entrar no jornal.

Demitri – Delimitar o foco, eu delimito... Meu carro... (*a entrevista é interrompida porque o alarme do carro de Demitri disparou. Mesmo do 12º andar, ele conseguiu desligá-lo. Os alunos soltam piadas*). Desculpem. É...

Cristina – *É porque tá na hora (de acabar a entrevista) (risos)...*

Daniel – *Botou o carro para despertar...*

Demitri – Não... Essa história do foco, eu delimito. Ainda mais porque a pauta é funil. Eu gosto de pauta. Se eu tenho essa relação com a pauta eu delimito foco, sim. Eu me considero pauteiro, eu me considero repórter-pauteiro. Eu

não me considero nem repórter e editor, eu me considero repórter-pauteiro. O foco é delimitado, agora se a matéria tem possibilidade de outras histórias eu não vou me furtar de estar trabalhando com isso, não, de jeito nenhum. Agora a minha indisciplina é que me mata... Hoje eu sou repórter especial. Como eu tenho mais liberdade – isso a gente discutindo ontem lá no jornal, os repórteres com a editora (*Fátima Sudário*). O que tá havendo? Os repórteres são legais? São, mas tem uma hora que a gente se acomoda. A gente faz o seguinte: “Vamos, vamos... matérias”. Abin (*o jornal fez uma série de matérias em que um agente da Agência Brasileira de Inteligência estava envolvido em assassinatos*). Tome... Pummmm... Aí fiz Abin aqui... tá, tá, tá, tá, tá, tá, tá (*Demitri fingi*

digital)... Reduziu. Fomos eu, o Cláudio (*Ribeiro*), e o Lucam (*Luiz Henrique Campos, também repórter especial*) entrou depois, pá. Quando morreu a última matéria, a gente cai na acomodação de uma semana. Isso aqui é indisciplina porque a gente tem uma semana aqui e não produziu porra nenhuma. Ah, tá, você não tá ali para produzir feito máquina, ainda mais porque quem for lá pra reportagem especial tem a prerrogativa do tempo, que a gente briga tanto. Mas é que a indisciplina, a comodidade, às vezes, deixa a gente aqui. Aí é que não dá porque pautas não faltam. Eu tô trabalhando uma pauta e tenho outras duas ou três. Eu fico plantando uma pauta aqui pra ver se daqui a uma semana vai me render alguma coisa. É a comodidade,



Ora, ao Daniel coube reconhecer: “Impossível é tentar dar conta da vida desse ‘maguim’ que não esquece sua história no hora de informar, entreter e emocionar o cotidiano do jornalismo cearense”.

A extensão da entrevista deve chamar atenção do leitor para essa complexa figura do jornalismo cearense. Esses recortes são novidade na edição desta revista. Novidade bem recebida pelo professor.



Ronaldo Salgado, que foi professor de Demitri no início dos anos 1990, não perdeu tempo e deu seu 'pitaco': "Ele é repórter em ato e consciência. Tem a dinâmica dos inquietos e a alma dos insaciáveis".

às vezes, me mata, a falta de tesão em algumas coisas que eu não quero pegar. Isso eu acho que mata, mas a história da dispersão... Dispersão é só porque eu tô aqui com você, na redação, tô brincando com você, frescando com não sei o quê, aí depois saio daqui, vou pra lá, começa a confusão... Fico "vereando", como o Carlos Ely diz. "Ó, o vereador!" (risos). Vereando dentro da redação. Na verdade, eu devia ficar lá no canto e ficar lá. Mas eu me sento lá no canto e a negada vai pra lá (*bate na mesa e todos riem*). A negada vai pra lá e eu fico frescando... Mas aí é pra dizer assim "vão, vão, vão, vão... fiquem aí que eu tenho que terminar isso aqui". Às vezes, eu sou indisciplinado nisso (*bate com os dedos na mesa*).

Daniel – Mas, Demitri, foi justamente o contrário. A Ana Mary relatou que você é quem fica lá o tempo inteiro perturbando. Vai ao banheiro, lava a mão e vai enxugar nela...

Demitri – Enxugar nela (passa as mãos no braço como se tivesse enxugando as mãos). Fiz xixi, aí ó (*bate os dedos na mesa*)...

Fernando – Fugindo um pouco desse assunto. Depois vocês voltam. Sua irmã falou que essa cidade é muito pequena para o jornalista que você é. Você concorda com isso?

Demitri – Não. Concordo, não.

Fernando – Mas já pensou em tentar fazer jornalismo em outro lugar?

Tarciana – Eu queria até fazer uma pergunta que vai nessa linha, no sentido de saber qual a relação do jornalista Demitri com a cidade de Fortaleza.

Demitri – Olhe, é uma relação de amante, porque relação de amante é que é boa (*risos*). A relação que eu tenho com a cidade é uma relação muito bem resolvida. Adoro essa cidade. Não tenho nenhuma pretensão de sair dessa cidade e morar em outro lugar. Não tenho. "Ah, teve, em 1930". Não. Tive, assim, vontade de fazer um curso. Tenho vontade de ir pra Paris fazer um curso lá e depois voltar. Ir pra Espanha não sei o quê e bá, bá, bá. Nunca tive vontade de ir pra São Paulo. Minto, tive quando eu terminei o

"A negada vem beber no jornal, não adianta, não adianta. Quem faz a história imediata são os jornalistas, sim. Quem vai contar a História são eles, sim".

CAD, o Curso de Artes Dramáticas. Eu queria fazer a EAD, a Escola de Artes Dramáticas, da USP. Quis fazer, mas não fiz. Tava com filho. Aí foi passando e deixou. Não tenho nenhum problema com a província. Essa negada acha essa palavra pejorativa... Olha, se província for essa tradução de prazer, eu sou um provinciano. Na boa, me assumo provinciano e não tenho problema nenhum com isso. Gosto de viajar, gosto de sair, gosto, na boa, mas gosto da cidade. E, assim, respeito quem não gosta. Só não acho legal a negada... A negada detona a cidade porque "não presta isso, já não é assim, o pessoal é atrasado e blábláblá, eu vou é pra São Paulo"... Ótimo, maravilhoso, mas resolva o seu problema com a cidade, que a cidade não é essa desgraça que você pin-

ta, não. Às vezes, eu chego frescando "negada, vocês querem sair do armário?" Então, vão pra São Paulo, pra Paris... Uma porrada de amigo meu fez isso. Então, não tem essa... A relação que eu tenho com Fortaleza... Eu gosto de andar a pé na cidade porque eu não tenho... Eu gosto de sentí-la. Gosto de sentí-la. E a cidade é pequena pra o jornalista?... Não, não, não, não, não é nada, de jeito nenhum... Eu só queria escrever na National Geographic (*revista mundial especializada em ciência e meio ambiente*), mas voltando para Fortaleza...

Juliana – Demitri, quais são os seus momentos mais importantes na carreira de jornalista?

Demitri – Os momentos mais importantes? (*bate com os dedos na mesa*)

Juliana – Mais marcantes...

Demitri – (*Ele faz uma pausa*) Olhe, essa segunda fase do jornal O Povo é uma fase muito boa. Sei que um dia eu vou ser demitido ou vou pedir demissão. Não tenho nenhuma (*bate os dedos na mesa*)... Achar que ô... tá lá no grupo de jornalistas que nunca vai sair. Não, um dia eu vou sair, eu vou pedir ou vão me demitir. Mas essa fase do jornal O Povo é a fase mais madura. Quando eu fui editor de Cidades pela primeira vez no jornal O Povo, eu vinha da Tribuna. Então, o jornal O Povo era um jornal grande, a Tribuna era um jornal pequeno, aí pegar a editoria de Cidades do jornal O Povo, meu Deus! Peguei a editoria. A experiência foi boa, aí me tiraram da cabeça de editor de Cidades e me colocaram no Vida e Arte. Na minha cabeça, quando eu tava aqui (*bate*

Em dez anos de profissão, ele tem 17 prêmios de jornalismo, dos quais três são Prêmios Esso, o mais importante do Brasil. Mas não se prende a isso; não sabe enumerá-los.

a mão na mesa) nas Cidades, eu só fazia cidade. Era repórter só de Cidades. Na minha cabeça, eu não faria outra coisa a não ser Cidades porque eu gosto muito de Cidades. Continuo gostando. Mas quando me botaram... Eu comecei a aprender outra coisa dentro do jornalismo. Quando me botaram no Vida e Arte, que era uma coisa totalmente diferente... Era outra história, apesar de ser do teatro, da viadagem do teatro que a negada fica frescando comigo... Ser do teatro, do cinema, do videomaker, aquelas histórias... De ter sido ator... Eu não me via editor do Vida e Arte porque o Vida e Arte era glamourizado e ainda ia encarar os artistas da cidade, que são chatos, uma boa parte deles são chatos. Fui pra lá e aí vi que não tinha nascido só pra fazer Cidades, não. Vou pra Economia, inclusive, se me botarem lá. Não queria ir como repórter porque acho que não me daria bem como repórter, mas como subeditor, como editor... Pra pautar, o pauteiro... E no Vida e Arte eu tive uma experiência muito boa porque eu levei muita coisa de Cidades pra lá.

Juliana – *Você diria que humanizou as matérias do Vida e Arte?*

Demitri – Não vou dizer que humanizei a história lá não, mas que teve uma hora até que eu tinha que ter dado um freio porque o Vida e Arte ficou um pouco muito Cidade. Porque tinha o material normal, tinha a discussão sobre Políticas Públicas, que é uma coisa que eu trazia também de Cidades, tinha o entretenimento, que as pessoas, às vezes, têm um preconceito em torno do entretenimento, pra entrar forró, tem que en-

trar tudo porque lá não é um caderno de cultura, é um caderno de variedades. Tinha o que a gente chama de pim-bagem, a punhetação intelectual, que tem que ter, que é legal. Tinha essas vozes aqui e tinha a Cidades. Mas lá não tem “vida”, lá tem muita “arte”, agora vamos botar “vida”. E aí a Ethel (*de Paula, repórter do Vida e Arte*) fez uma matéria maravilhosa com as lavadeiras da Lagoa do Tabapuá (*lagoa que fica na Região Metropolitana de Fortaleza*). A Ana Mary fez matérias dentro do cemitério pra

“Dá liberdade eu acho que não atrapalha porque quando eu dou liberdade a um repórter, a um estagiário que está chegando, a um estudante, é pra que ele se vire.”

contar histórias de amores dentro do cemitério. Então se passeou muito por esse universo da cidade. Eu acho que exagerei muito. Mas aí volta outro editor e muda. É assim, o caderno vai ter a cara de quem tá lá e dos repórteres que chegam lá.

Depois que eu saí do Vida e Arte, eu experimentei esse negócio aqui da cultura. Aí depois, voltar pra Cidades. Eu já era outro editor. E ainda era menos paternal. Na primeira fase eu sou muito paternal, o paternalista. Aí saí de novo daqui e vou experimentar a Coluna Das Antigas, que é outra história. A história de dizer assim: eu tenho possibilidade de outros textos, não só o objetivo, o factual, mas eu tenho possibilidades de outras histórias, de outras criações. Pode nem ser essa merda toda, mas

particularmente me deu outra visão, eu tenho outras possibilidades de texto, de fabulação, de viagem, que às vezes a gente não se permite. “Vamos escrever uma crônica”: a negada fica logo travada na história. “Crônica? O que é que eu vou fazer com...” pá.

Camila – *Como é trabalhar com texto literário dentro do jornal? Você tem os prazos. Texto literário demanda mais tempo pra você criar, inventar... como é trabalhar com pressão? Falta memória? Já que na Das Antigas você usa muita a memória?*

Demitri – Falta. Aí vem de novo a história da minha indisciplina e a indisciplina de muita gente que é jornalista. Toda sexta, de manhã, eu tenho que terminar a Das Antigas. A Das Antigas, na verdade, era pra ficar pronta até quarta. Já teve prazo que a Das

Antigas era na terça. Aí eu ficava louco porque eu tinha que escrever sexta, aí não escrevia sexta, não escrevia sábado, domingo nem a pau, segunda tava aperreado, louco da vida aqui e sendo editor (*digitando na mesa*) e aí não conseguia, ficava a loucura.

Trabalhar na pressão às vezes parece que é bom. É meio doido isso, mas todo mundo experimenta. Parece que quando você está trabalhando na pressão (*digitando rapidamente com os dedos*), você elabora. “Ah, mas vai ficar uma merda” (*continua digitando*)... Não, mas você acaba elaborando, você tem elaborações. Lógico que, pra trabalhar sistematizado dentro de prazos, é muito melhor. Agora, há a possibilidade da divagação também, porque aí você tem um prazo de tempo



O jornalista Demitri Túlio tem uma visão aguçada sobre o jornalismo. Condena principalmente os práticos viciados de texto e a falta de iniciativa dos veículos.

O maior parceiro jornalístico dele é Cláudio Ribeiro, que, também como aluno da disciplina Laboratório de Jornalismo Impresso, participou da Revista Entrevista junto com Demitri.



Outro companheiro de profissão, Carlos Ely Souto, trabalhou com Demitri na época do jornal *Tribuna do Ceará*. Hoje os dois estão juntos na redação de *O Povo*. Ely o considera “um cara de muita iniciativa”.

muito grande aí você começa a tchum... *(faz um movimento de queda com a mão esquerda)* a divagar, a dispersar no meio dessas histórias aqui. A *Das Antigas* começou com uma coisa involuntária que a Regina *(Ribeiro, ex-editora do núcleo de Negócios – Economia, Turismo e Veículos e editora do Vida & Arte)*... Foi no *Veículos* que ela *(a coluna)* começou. O caderno tinha passado por reformulações e tinha dito: “Regina, se tu quiser eu escrevo uma coluninha, um artiguinho, sobre carro antigo porque eu gosto de carro antigo”. Ela disse: “Escreve?”. “Escrevo”. E ia pesquisar porque não sabia, só contemplava, não conhecia. A primeira *Das Antigas* é um terror. Ela é falando do *Vemaguete (primeiro carro nacional com motor dois tempos, lançado no Rio de Janeiro em 1956 pela Vemag, mas só passou a ser chamado de Vemaguete em 1961)*. Eu tô querendo explicar o que é *Vemaguete*. Tinha uma sessão chamada *porta-luvas*, que aí eram coisas que o carro tinha. O formato dela era esse. As fontes não me davam informações, fechavam a porta, não queriam. Tinha um cara que falei pra ele: “Tem oitenta carros aqui”. Aí eu queria contar as histórias desses carros. Aí o cara: “Não, não, não vou abrir” e ficava nessa frescura. Eu comecei a ter que reinventar a história da coluna. Eu descia *(para o Banco de Dados)* no jornal pra ver história de carro. Aí ia falando do ano, não sei quê, bá, bá, bá. Depois começou a cansar isso, comecei a não conseguir fazer essa história. Comecei a andar dentro dos carros pela infância, pela juventude, den-

tro do bairro... Voltinha quando o pai comprava o carro: “vamos dar uma volta pelo quarteirão? Ééé, bora!” Aí o canelau todinho dentro do carro, ficava nessa história, dos fuscas... Eu comecei a entrar dentro do carro pra contar a história e, depois, comecei a sair do carro.

Tinha elaboração? Tinha, porque aí eu ouvia mil coisas que as pessoas diziam, alguma coisa que a pessoa solta, começa a falar, me dá alguma coisa e começava a fabular. Os momentos de pressão dentro do jornal foram os que eu pro-

“Ah, o estagiário não é muito acompanhado’. É, dentro da medida do possível ele é acompanhado. Inclusive, ele tem que sair acompanhado pelos repórteres que estão com ele.”

duzi mais rápido. Como a história do *Idalino (ex-jogador do futebol do Ceará Sporting Clube e do Fortaleza Esporte Clube, condenado em 1951 a 30 anos de reclusão por matar, em 1950, para se apossar de um carro da marca Chevrolet)*, daquele jogador, em 52, que matou dois caras e enterrou na Barra do Ceará. Eu fui ficcionar em cima da realidade, fui começar a trabalhar mais elaborado, aí não tinha tempo. Eu ia lá pra baixo olhar. Então teve essa fase aí pra poder se trabalhar mais o texto, mas depois você pega até técnica desse discurso. Às vezes tem coisas repetitivas que eu fico tentando fugir, buscar outra história. Essa última coluna eu fiz quatro *(tituladas “Etiqueta 1225”)*, mas foi uma tentativa de já querer mudar pra fazer uma novela

pra ver o que o leitor diz, pra ver como é que o leitor se manifesta pra eu poder ter outra coisa pra eu poder estar escrevendo. Recebi dois e-mails na última coluna de duas meninas. Aí eu tinha prometido “na coluna que vem, o final da história, eu prometo que mato a coluna”.

Camila – *Você recebe muitos e-mails, cartas dos leitores?*

Demitri – No começo eu recebia muito, agora... *(risos)*

Ciro – *A coluna foi crescendo com o passar do tempo. Saiu do (caderno) Veículos, foi pro (caderno) Vida e Arte e chega ao ponto que muitas pessoas compram o jornal para ler a coluna, acessam a Internet para ler a coluna. É o caso de a criatura ficar superior ao criador e que você se sentiria bem de não poder, quando ficar saturado, largar a coluna? As pessoas vão ficar cobrando ou algo desse tipo?*

Demitri – *(pausa)* Acho que não. Uma vez, quando eu tava de muito saco cheio, pensava em não fazer a coluna ou então deixar alguém assumir. Mas a coluna, como ela é meio divã... porque lá tá muita coisa do que eu vivi, mas tá muita coisa de todo mundo. E não porque “ah porque eu sei...” *(fala com voz de boçal)*. Porque eu escuto, vejo, porque me dá prazer. Atualmente a coisa que me dá mais prazer dentro do jornal *O Povo* é a coluna, não é nem o fato de ser repórter especial e tá lá livre. É ótimo porque você tem tempo. Você sai, volta, vai pra onde você quer, mas a coluna é o que me dá mais prazer atualmente por contação de história. Me sentir obrigado a ter que escrevê-la até... Não, não me sinto obrigado. Por en-

Mas relaciona outras qualidades: é “brigão” (no bom sentido). “Se deixar ele solto sai dinamitando tudo”.

quanto acho que dá certo porque é prazer, porque tem uma troca legal. Eu recebia muito e-mail no começo. Recebo ainda e-mail, principalmente de mulheres, principalmente. Ou então de pessoas mais velhas que me perguntam se eu tenho 65 anos... (risos)

Cristina – *É bem antigo.*

Demitri – É, mais ou menos, né? 38 (Demitri refere-se a idade dele). A menina pegou e mandou um e-mail falando uma coisa legal, dizendo que a (rua) Tavares Iracema é qualquer rua da cidade. E é mesmo, ela é qualquer rua da cidade. O ponto da Tavares Iracema cresceu tanto que eu tô dizendo... porque a coitada, se o pessoal antigo, se é que acompanha lá, se lê aquilo ali: “isso é um cara mentiroso, safado” (risos). Mas é a história. É bom que ela mistura a ficção com a realidade.

No começo eu tinha problema. Eu queria ser real... Tanto é que tem algumas colunas que tem assim “essa história é ficção”. Aí eu digo: “Como é que eu tô botando isso?”

Daniel – *Como é que você faz essa dosagem entre ficção e realidade?*

Demitri – Olhe, essa última história do Raul Pezinho, ele trabalhava no necrotério, ele trabalhava no necrotério. Os cabas morriam, ele tinha uma sapataria no bairro – o bairro é a Tavares Iracema – e ele vendia os sapatos desses mortos e ninguém sabia. A Ethel chegou pra mim e disse assim: “Demitri, eu tenho uma história maravilhosa que tu pode transformar numa crônica” “O que é?” “Diz aí”. “Que o pessoal do IML negocia os sapatos dos mortos” Eu digo: “É mesmo? Vixe...” E eu gosto dessas histórias. Às vezes

você me diz uma coisa, não me toca, mas você me diz outra, aí eu fico aperreado, e fico com aquele negócio martelando. Aí eu vou lá, escrevo (*digitando na mesa*). A história do Moreira Campos, eu tava dormindo, acordei no meio da madrugada e fui escrever alguma coisa pra não ter esquecido. Foi um pesadelo que eu tive e botei lá. Aí ela (a Ethel) me disse, aí eu sentei pra fazer a historinha. Como é a criação dessa história? Tem a história que é o fato real que ela contou. Depois eu fui perguntar pro Simão

“O foco é delimitado, agora se a matéria tem possibilidade de outras histórias eu não vou me furtar de estar trabalhando com isso, não, de jeito nenhum.”

(Francisco José Ferreira Simão, médico legista), o cara do IML. “Dr. Simão, a negada, como é que é aí? Não se preocupe que a matéria não é agora não, é só depois. O pessoal vende os sapatos?” Aí ele disse: “Rapaz, o seguinte (risos)... eu não vou dizer que não vende, mas vamos botar aqui que 40% pode acontecer” (risos). Então acontece né? Então era verdade. Eu disse: “É mesmo?”. Porque eles sabem e o Dr. Simão é muito doido, ele é um personagem maravilhoso. Ele é um Página Azul. Ele disse: “Inclusive, um tempo atrás aí eu andei querendo tirar a roupa dos mortos, lavar e entregar pra pobreza”. Aí eu digo: “Só”. Ótimo né? E aí pronto, pego essa história aqui dele, da Ethel, vou lá pra Tavares Iracema. A localização que eu

dou, entre a delegacia e não sei o quê, é a localização real. Alguns personagens que estão dentro são reais. Tem uma pitada de exagero neles. Tem uma pessoa que tá correndo ali, às vezes um menino que geralmente sou eu. É o olhar, se tem um menino brechando, dentro do roupeiro, a tia que se depila. Sim, é uma situação que se vivenciou, o roupeiro tinha olhos. Então você tem essa situação e tem a fantasia.

Daniel – *E haja Nelson Rodrigues nessa história...*

Demitri – E tem o Nelson Rodrigues que é maravilhoso. O Nelson e o Moreira. Olhe, as tias, por exemplo, é uma tia minha...

Daniel – *Você ficava brechando sua tia?*

Demitri – Eu brechava os peitos dela (risos)

Daniel – *Inclusive, a Fátima Guimarães pediu pra perguntar que fascinação é essa que você tem por peito, de onde vem isso? (risos) Algum psicólogo já lhe explicou?*

Demitri – Eu acho que eu tive algum problema na fase oral (risos). Só pode ser, na fase oral e na fase anal (Demitri refere-se às fases de onde, segundo o precursor da psicanálise, Sigmund Freud, se originam nossos traumas) porque outra história também... Porque assim, o romantismo se acaba, é uma brincadeira... namoro com você aqui, mas o meu romantismo acaba totalmente se você quiser me ver no banheiro fazendo cocô. Acaba total (risos). Nem eu quero lhe ver. São intimidades que o amor e o romantismo... quebra. Eu não gosto. É trancado e sem zoadada, eu não quero nem conversa (risos). A mãe: “Não, mas fique lá, mas que besteira”. “Não, mãe, eu não gosto”.



Ely sabe de cor e salteado momentos significativos na vida profissional do entrevistado. Durante a produção da entrevista ele relacionou coberturas de destaque feitas por Demitri Túlio como repórter de o Povo.

Já Ana Mary Cavalcante, repórter do Caderno Vida & Arte, enaltece o lado amigo: “A minha relação com ele sempre foi de muita amizade, até porque ele se permitiu ser meu amigo”.



Mas não deixa de ressaltar as brincadeiras do "Demi" na redação do jornal, como ficar jogando bolinha de papel nas pessoas, principalmente na própria Ana Mary.

Tem que ter o dois problemas, anal e oral. Os peitos eu não sei de onde vem não. Eu gosto muito dos peitos da minha mãe (risos). Em casa com a mamãe e brincar de pegar no peito dela (pega no próprio peito). Ela é uma senhora de 62 anos, mas é uma mulher muito... é... bem...

Cristina – Dotada... (risos)

Demitri – Eu não mamei muito, acho que foi por causa disso (risos). A mamãe teve um piri-papo no coração, coitada, aí eu fiquei rindo dela. Ela teve um piri-papo lá, brigou com o meu irmão, aí teve um troço.

A Nukácia ligou pra mim: "Túlio, a gente tá levando a mamãe pro Prontocárdio (hospital de coração de Fortaleza)". "O que foi que houve?" "Não, ela teve um negócio aqui". Aí eu fui pra lá. E ela teve um lapso de memória, misturou toda a história e perdeu alguma coisa da memória dela. Aí ela olhava pra mim, ficou com um olhar meio esquisito aí dizia: "Cadê a Virgínia?". "Mamãe, me separei há cinco, quatro anos, mamãe". Todas as lombras dela (risos) vieram na historinha. No meio do exame lá, ela começou a tirar a blusa. Aí eu tava com ela, a Nukácia e o Jivago. A mamãe chegou pro médico e disse assim: "Mas ele vai ficar aqui?" Ora, eu já vi o peito da mamãe muitas vezes, não tem nem... Aí eu disse: "Mamãe!". Aí ela disse: "Não, não, ele tem que sair daqui" (risos). Aí só de sacanagem eu sentei numa cama afastada. E vi lá a mamãe sem soutien. Brincadeira. E depois que ela voltou ao normal e eu disse: "Mamãe, a senhora ainda tá tudo bem, heim? A senhora se deita e os peitos da senhora tá tudo legal" (risos). Aí ela: "Que é isso

menino!". "Não, eu vi!". "Que história é essa...". "A senhora ia me botar pra fora". "Que história é essa que eu ia te botar pra fora..." Eu disse: "Botou". Só brincadeira mesmo, só a fascinação.

Paulo – Você é um cara que tenta abarcar o mundo. Você já fez 'n' coisas, já passou por 'n' universidades, os jornais, fez teatro... eu queria saber de você se ainda falta fazer alguma coisa ou se você sente-se realizado?

Demitri – Sei (pausa). Eu quis abarcar o mundo, mas hoje eu afunilo. Eu vivo ten-

"Olha, se província for essa tradução de prazer, eu sou um provinciano. Na boa, me assumo provinciano e não tenho problema nenhum com isso".

tando afunilar sempre. Tenho na minha cabeça: eu quero ser feliz. Mas a história, assim, de prático, pragmático, eu quero passar por um mestrado, quero passar por um doutorado por exigência do mercado. Dizer que eu tenho tesão pelo mestrado, tenho tesão pelo doutorado, não sei se eu tenho esse tesão não. Eu tenho tesão pela pesquisa que a gente faz diariamente dentro do jornal. E eu poderia fazer uma pesquisa sem tá no mestrado, no doutorado e pós-doutorado, mas o mercado exige outra coisa, exige que você sistematize outra pesquisa. Agora eu tenho que passar por isso. Dentro do jornalismo eu espero mais surpresas. Eu deixo o tempo dizer o que é que vai ser. Se eu for demitido do jornal O Povo, eu vou pra onde? Não sei. Não sei nem... "ah,

mas aí tem lugar pra você no mercado..." Quem disse? Eu espero pelo tempo. É meio chato isso porque às vezes o tempo vem e você tá fudido, mas eu deixo correr. Sonho... Assim: eu tenho, a National Geographic me mandar pra África pra fazer uma matéria. Não, eu fico sempre esperando o que é que vai acontecer, o que é que vai ter sem a lógica da história. Talvez isso me prejudique porque aí entra de novo a minha indisciplina, a minha falta de... Mas o que eu já passei me satisfaz.

Cristina – Você falou que não trafega bem na vida afetiva. Você responde sim ou não: É possível amar e ser feliz ao mesmo tempo?

Demitri – (pausa e ri) Quantas? (risos) Não, tô brincando. Acho que é... (pausa) Sei não. (risos)

Cristina – Você vai desmentir o Nelson Rodrigues (Nelson Rodrigues diz que é impossível amar e ser feliz ao mesmo tempo)?

Demitri – (pausa) É que ele diz que é impossível porque os cotidianos são meio esquisitos, mas... (pausa) É possível ser feliz no dia-a-dia. É possível você aproveitar o que tá posto ali e o que você experimentar ali. Não ficar chorando todo o tempo. Teve uma época que eu vivia chorando todo o tempo, na lengalenga... Tinha uma colega minha, eu não vou dizer o nome, jornalista maravilhosa, que achava que a coisa do entristecer, a coisa do sofrer é que era a história... E até uma hora eu achei que tinha que ficar preocupado. Não, eu acho que a gente tem que ser feliz. Vamos tirar a história das coisas negativas, vamos pra cima do que a gente quer e vamos... tem dias que você tá mal, tem dias que você não tá nem aí pra

A produção da entrevista ouviu ainda os jornalistas Lira Neto, Ana Cláudia Perez, Adriana Santiago, Fátima Guimarães e Emerson Maranhão.

nada, tem dias que você não tá aí pra sua companheira, pro seu companheiro, sei lá o quê, que a relação é muito chata... Mas a vida é muito boa pra gente ficar só chorando, achando que não é isso, achando que não é aquilo, “ah, não sei o quê, tô pra baixo”. Não. Essa história de tá pra baixo... essa história é meio...

Cristina – Na nossa outra entrevista, a gente entrevistou o Chico do Caranguejo. E o Chico veio do Aracati, foi vendedor de caranguejo lá no Centro e aí hoje em dia ele é o maior fornecedor de caranguejo, é podre de rico, mas ele não se conforma com uma coisa: que a atual mulher dele quer ir pro Mucuripe (uma boate freqüentada pela classe média alta), e ele não, ele gosta de ir pro Siqueira (casa de show, na periferia de Fortaleza, que promove apre-

sentações de bandas de forró a preços populares), Tremendão (churrascaria às margens da lagoa da Messejana que também se caracteriza pelas apresentações a preços populares)...

Demitri – Só (ri)

Cristina – O Chico saiu do mato, mas o mato não saiu dele. Agora eu pergunto: o canelau saiu de você?

Demitri – Não. Saiu não, ele ainda tá aí. Eu acho ele legal. Não tenho nada contra o canelau. E aliás, canelau tá num estágio de... não tem essa história de classe não. Ele tá ou aqui no fudido lá no Bom Jardim (bairro da Zona Oeste de Fortaleza), no Poranga-buçu, ou então lá no Papicu, lá nas Dunas (bairro nobre onde o senador Tasso mora) do Tasso Jereissati. Tem um canelau aí em todo o canto. O canelau vive. (risos)

Paulo – Demitri, muito obrigado pela atenção, paciência e dedicação aqui às nossas perguntas.

Demitri – Obrigado, sem nenhuma frescura de achar “ah, não sei o quê”. Pra mim foi muito legal ter sido escolhido. Acho que até que foi lobby de quem passou no jornal (risos). Sem a frescura de dizer “ah, mas é porque tem outros jornalistas”. Não, todo mundo tem uma história, todo mundo tem uma biografia legal. Eu tenho uma história como todo mundo tem. E pra mim é maravilhoso estar dentro da revista que um dia eu tava lá fazendo. De alguma maneira vocês reconhecem alguma coisa. Pra mim é muito legal (batendo os dedos na mesa). A negada da redação ficou até frescando. “O que é que tu tem pra dizer?” (risos) Eu digo “Sei lá” (risos). Obrigado. É



A profundidade da entrevista é diretamente proporcional à riqueza de vida do Demitri Túlio. Seja como pessoa, seja como jornalista, são muitos os que o admiram.